

CONEXÃO territorial

Nº 2 | MAIO A AGOSTO DE 2025

REVISTA DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO PAUL SINGER - AGENTES DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA

A jornada começou!

PROGRAMA DE FORMAÇÃO
PAUL SINGER
AGENTES DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA
**AGENTE
TERRITORIAL**
FUNACENTRO
BRASIL

LANÇAMENTO
NOS ESTADOS
E 1º CURSO DE
FORMAÇÃO
PRESENCIAL



EXPEDIENTE

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTRO DO TRABALHO E EMPREGO

Luiz Marinho

SECRETÁRIO NACIONAL DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA

Gilberto Carvalho

PRESIDÊNCIA DA FUNDACENTRO

Pedro Tourinho de Siqueira

DIRETOR DE PROJETOS SENAES

Sérgio Godoy

COORDENADORA DO PROGRAMA PAUL SINGER - SENAES

Raimunda de Oliveira Silva

COORDENADOR-GERAL DO PROMAT - FUNDACENTRO

Eberval Oliveira Castro

CONEXÃO TERRITORIAL

Revista do Programa de Formação Paul Singer
Agentes de Economia Popular e Solidária

REDAÇÃO E EDIÇÃO

Clarinha Glock
Denise Vieira Pereira

Os textos e as fotos dos eventos de Lançamento do Programa e dos Encontros Presenciais foram enviados pelas equipes de cada região.

REVISÃO DE CONTEÚDO

Raimunda de Oliveira Silva

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Ana Rita Valverde Peroba

Brasília, outubro de 2025.



CAPA

Lançamento Manaus (AM)

Foto: Paulo Ricardo de Lima Moura.

EDITORIAL

- 04 Do planejamento à chegada ao território - Fala da Coordenação do Programa

ACOLHIDA

- 05 Saudações calorosas, por Gilberto Carvalho e Pedro Tourinho
06 Plenária Nacional – Nosso governo tem sonho, por Luiz Marinho
09 Plenárias Regionais

PERCURSO FORMATIVO

- 10 Aprendendo e ensinando coletivamente

SEMINÁRIOS TEMÁTICOS

- 10 Educação Popular em Economia Solidária e o legado de Paul Singer
15 Métodos e Ferramentas de Trabalho e CADSOL
17 Pesquisa-Ação: o caminho que escolhemos
19 Trabalho Seguro, Saudável e Sustentável

REFLEXÕES

- 25 Aprofundamentos Temáticos
26 Um olhar sobre o território: a primeira fotografia

FERRAMENTAS

- 27 Aplicativo (APP) e Instrumento de Leitura da Realidade

LANÇAMENTOS E ENCONTROS PRESENCIAIS

- 33 Apresentação dos Agentes nos Estados
41 Formação Presencial nos Estados:
 - Turmas SUL – 01 e 02;
 - Turmas SUDESTE – 01, 02 e 03

- Turma Centro-Oeste
- Turmas Nordeste – 01, 02 e 03
- Turmas Norte 03, 02 e 01

PERGUNTA GERADORA

- 87 Como nasce uma mascote?

SIGLAS

- 89 Todas as utilizadas na publicação



DO PLANEJAMENTO À CHEGADA AO TERRITÓRIO

Há uma máxima que diz que “treino é treino, e jogo é jogo”. Por mais que tudo possa ser planejado, as variantes que a realidade coloca podem trazer surpresas, novos contextos e desafios cada vez maiores. Imprevistos fazem parte do percurso.

Foi o que aconteceu na chegada de agentes de Economia Popular e Solidária ao Programa Paul Singer, em maio de 2025. Muito esforço e amplo planejamento foram impressos para levar os conteúdos necessários à formação da turma de agentes para os cursos presenciais, preparando sua entrada em campo. Coordenações Estaduais e integrantes da Equipe Nacional discutiram os temas prioritários da matriz do Módulo 1 (presencial) e definiram metodologias. A Coordenação Pedagógica do Programa disponibilizou um rico acervo para auxiliar na compreensão dos conteúdos, formado por um “Kit Facilitação” com cadernos, dicas de vídeos, livretos, guias, apresentações. Uma grade de seminários temáticos virtuais antecipou a formação presencial.

Foi preciso readaptar o calendário inicial, mas, ao final dos cursos, a motivação e a participação falaram mais alto. Das cerimônias de lançamento nos Estados e dos encontros presenciais de três dias ficou um gosto de “quero mais” e a certeza de que o aprendizado no



Programa Paul Singer é processual e permanente, porque envolve teoria e vivência, escuta e diálogo, o que, por sua vez, exige outras teorias e mais aprofundamentos.

A chegada de agentes territoriais aos territórios coincidiu com a apresentação à sociedade da mascote do Programa Paul Singer, freireanamente apelidada de “Pergunta Geradora”. Criada a partir do logotipo, simpática e colorida, ela saiu da tela do computador para as mãos de uma artesã que lhe deu pernas e braços de verdade, na forma de uma dinâmica boneca de pano, circulando por publicações, reuniões, vídeos, para incentivar o diálogo, as trocas, as perguntas que vão gerar reflexões e mudanças.

No horizonte deste Programa está a expansão e o fortalecimento da Economia Popular e Solidária. A partir de agora, cada agente contribuirá com sua bagagem para cumprir esta missão nos territórios.

RAIMUNDA OLIVEIRA
Coordenadora Pedagógica
do Programa Paul Singer

Saudações calorosas!



“Quero manifestar gratidão a todas e todos que de alguma forma participaram desse projeto desde o início. Com estes e estas agentes chega também a nossa enorme responsabilidade de gerenciar, administrar e estimular companheiros e companheiras a cumprirem o mandato que assumem ao assinarem o compromisso de trabalho conosco. Este é um momento de celebração e de enorme responsabilidade na conjuntura atual”.

GILBERTO CARVALHO

Secretário de Economia Popular e Solidária (Senaes)

05

“Temos o compromisso de fortalecer e produzir condições para que os ambientes de trabalho sejam seguros e saudáveis desde o modo de organização, na maneira como o trabalho acontece. Contribuir para a implementação da Política Nacional de Economia Solidária, incorporando na agenda da Economia Solidária essa temática tão rica da Saúde e Segurança do Trabalho, é prova de que se está, de fato, em um projeto de reconstrução de todas as instituições envolvidas. A Fundacentro é uma grande parceira nessa construção. Desejamos a todos e todas muito êxito para que uma outra economia e um outro modo de produzir sejam possíveis com a Economia Popular e Solidária”.



PEDRO TOURINHO

Presidente da Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho (Fundacentro).

PLENÁRIA NACIONAL

“O nosso governo tem sonho”

“Nós queremos um Brasil efetivamente de todos e todas. Um Brasil das crianças, da juventude, do povo trabalhador, do homem, da mulher. Queremos um Brasil do povo negro, do povo indígena. Queremos um Brasil onde o trabalho seja valorizado.”

06 “**A**o dar as boas-vindas aos nossos/as 500 agentes, estamos chamando a atenção para a grande responsabilidade que cada um de vocês está assumindo nesse processo. Não é simplesmente uma relação de trabalho. É também. Mas é, acima de tudo, uma tarefa, uma missão.

Nós precisamos organizar de forma definitiva a Economia

Solidária no país. Paul Singer seguramente está muito feliz em estar observando esse estágio que estamos vivendo, e Paul Singer sabe das dificuldades que temos hoje.

O orçamento do Ministério do Trabalho e Emprego em 2013 seria hoje (o equivalente a) R\$ 2,5 bilhões. E o nosso orçamento é de R\$ 900 milhões. Então, nós estamos sofrendo



FOTO: Alexandre Silva (MTE)

uma consequência do golpe e da tentativas de impor à classe trabalhadora a pejotização, o trabalho degradante, o trabalho forçado. E nós temos a responsabilidade de pensar em oportunidades para o nosso povo. Não é que ele não deseje uma relação de CLT, como muita gente vem dizendo: “ah, o povo não quer mais CLT”. O povo não quer é um trabalho de oito horas com um chefe ou uma chefe chata nos ouvidos, e ganhando um salário insuficiente pra sustentar a sua família.

O povo deseja uma relação madura, uma remuneração saudável. Não podemos ver nas cooperativas, na Economia Solidária, um processo de coitado/coitadas: “coitado do artesão, da artesã, do pequeno empreendedor”. Nós precisamos ver como uma oportunidade de organização de um segmento importante e estratégico da economia, inclusive do ponto de vista revolucionário.

Então, vocês estão sendo convidados e convidadas não simplesmente para uma relação de trabalho. É para assumir a responsabilidade de dirigente, de fomentador/fomentadora, de organizador/organizadora no

território. Sozinho/a ninguém poderá falar em Economia Solidária. Ela tem que ser construída numa grande rede de homens e mulheres que pensa, que respira e transpira, e vai trabalhar de forma incansável, sem estar olhando “eu tenho x horas por dia” para trabalhar.

Nós temos uma missão de dar organicidade a esse processo tão importante de constituição de rede. Como mobilizar em cada território o produtor ou produtora do artesanato, da Economia Solidária? Onde não tem horta comunitária, como motivar que tenha uma? Que a gente possa organizar as comunidades de maneira geral pra pensar um novo país.

Um novo país não se pensa de forma abstrata, se pensa a partir da realidade de cada localidade, de cada território. Nós esperamos que vocês assumam a responsabilidade de pensar: será que o prefeito ou prefeita, ou o deputado ou a deputada tem possibilidade de articular alguma rede de apoio para incrementar ainda mais do que o nosso orçamento permite? Será que o secretário, ou a secretária do Trabalho da

cidade, do Estado, tem alguma simpatia para ajudar a pensar como construir ainda mais?

Nós não podemos pensar de forma burocrática uma relação de trabalho. Não é para isso que vocês foram chamados e selecionados entre mais de 9 mil pessoas que sonharam em estar no lugar de vocês.

Portanto, a responsabilidade de vocês é excepcionalmente grande. Nós esperamos que, de fato, se dediquem como uma escolha, como opção, porque poderiam estar fazendo qualquer outra coisa da vida, mas vocês escolheram nesta fase ser agentes da Economia Solidária do nosso governo.

‘O nosso governo tem sonho. Nós não pensamos simplesmente em governar quatro, oito ou 12 anos de forma burocrática. Nós pensamos valores. Nós desejamos ter um país que distribui renda. Nós temos a obrigação de formar opinião em cada território. E eu peço que se dediquem para valer, porque é isso o que nós esperamos de vocês.’

08



Plenárias regionais

Integração e preparação de agentes

Após a Plenária Oficial de Acolhimento de 500 agentes de EPS do Programa Paul Singer, foram organizados eventos regionais, também virtuais, de recepção. O grupo foi dividido em 12 turmas.

Os/as agentes foram recebidos/das pelas coordenações estaduais e por membros da Equipe Nacional do Programa com místicas cheias de poesia, vídeos, e o jingle “Economia Solidaria pra geral”, criado por agentes de EPS de São Paulo, da primeira turma do

Programa. Nestas ocasiões, tiveram oportunidade de se informar sobre o seu papel e atribuições. Compartilharam suas histórias e como pretendem contribuir com o trabalho.

Além de possibilitar a integração das equipes, os eventos regionais abriram espaço para tirar dúvidas sobre os territórios de atuação. Ao final, foi recomendado um conjunto de leituras, começando pelo Documento de Referência.

Esse segundo momento de acolhida serviu para ampliar o sentido de pertencimento e de união dos grupos, tão necessário para o sucesso do Programa Paul Singer.



Percurso formativo

Aprendendo e ensinando coletivamente

Nesta primeira fase do Programa, foram realizados três seminários virtuais antes dos cursos de formação presenciais. Os seminários abordaram respectivamente os temas da Educação Popular em Economia Solidária; Saúde e Segurança no Trabalho e Tecnologia Social; e Metodologia de trabalho nos territórios e CADSOL, e foram seguidos de encontros de aprofundamentos temáticos com agentes de Economia Popular e Solidária.

10 APRESENTAMOS AQUI UM RESUMO DE CADA UM DELES.

Educação Popular em Economia Solidária e o legado de Paul Singer

Alzira Medeiros e Claudio Nascimento, duas das principais referências na Educação Popular em Economia Solidária no Brasil, participaram do primeiro Seminário do Percurso Formativo. O seminário virtual reuniu um público de mais de 500 participantes do Programa, entre agentes, coordenadores/as e Equipe Nacional, em 17 de junho de 2025. A metodologia proposta foi o diálogo a partir de perguntas motivadoras que ajudaram a traduzir e a aprofundar conceitos do Programa Paul Singer. O encontro foi mediado pela educadora Eliane Martins, integrante da Equipe Nacional.

Alzira, mestra em Desenvolvimento Local e Extensão Rural pela Universidade Federal Rural do Pernambuco (UFRPE) e graduada em Ciências Sociais, tem como foco na Educação Popular em Economia Solidária desde



os anos 1990. Faz parte do Fórum e do Conselho Nacional de Economia Solidária. Atua com agroecologia, soberania e segurança alimentar, e junto à Incubadora de Cooperativas Populares da Economia Solidária da UFRPE. Foi membro da equipe de coordenação pedagógica do Centro de Formação e Assessoramento Técnico em Economia Solidária do Nordeste (CFES-NE) de 2009 a 2017.

O educador popular Claudio Nascimento integrou a equipe nacional de formação da Central Única dos Trabalhadores (CUT), foi diretor do Instituto Cajamar e atuou na Secretaria Nacional de Economia Popular e Solidária durante o mandato de Paul Singer, de 2003 a 2007. Foi membro da coordenação nacional pedagógica da Rede de Educação Cidadã (Recid) entre 2008 e 2010. Tem livros publicados sobre Autogestão.

Para Alzira, a Educação Popular em Economia Solidária parte do princípio de que os/as trabalhadores/as são sujeitos da sua transformação. “Os dois temas se fundem numa perspectiva de mudanças para os/as trabalhadores segregados/as historicamente. Não é uma educação instrumental para a inserção no mercado, pois traz outros instrumentos de reflexão para a transformação cotidiana e o sentido de educação para um projeto popular de sociedade”, explicou.

Nascimento disse que a Educação Popular em Economia Solidária é um conceito recente que traz necessariamente a reflexão de um projeto de transformação com uma quebra hegemônica de experiências de renda sem padrões. Esses conceitos estão em construção de forma permanente e coletiva. O educador apresentou resumidamente uma linha do tempo sobre a EPS desde o Fórum Social Mundial (2001/2002), passando pela criação da Senaes (2003) até chegar ao Plano Nacional de Economia Solidária (2014/2015).

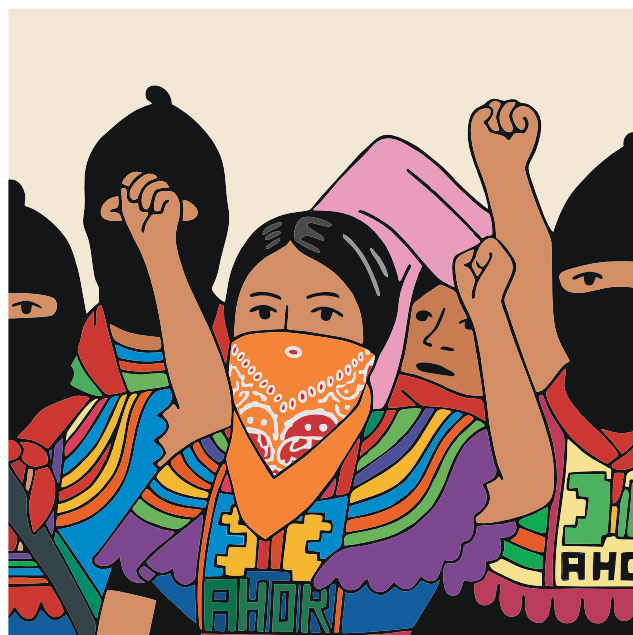
Economia Popular e Solidária como experiência de autogestão

Nascimento define a EPS como “ancestral”, herança dos povos originários. “O economista Paul Singer colocou a EPS, nos últimos 200 anos,



no patamar das lutas comunitárias de autogestão, como Chiapas, no México, e as experiências na Bolívia, Venezuela e Equador, entre outras", observou.

Alzira destacou como a Educação Popular pode ajudar a romper com o conhecimento colonialista vinculado ao projeto de poder capitalista, predominantemente branco, europeu, neoliberal, que não protege o cidadão. Lembrou momentos de luta de trabalhadores/as nos anos 1960/1970 com foco nos direitos sociais; e nos anos 1980/1990 em morros, favelas e nos campos, marcados por processos de exclusão. "O mercado não ofereceu nem oferecerá espaço para todos", resumiu. Afirmou que o Brasil nunca



teve pleno emprego: "Sempre houve uma quantidade grande de trabalhadores/as que tiveram de criar e inovar coletivamente, ou como autônomos/as, para garantir seu sustento e o de sua família, e para proteger seus territórios".

Para Alzira, essa é a gênese da EPS. "Ela é fruto da resistência histórica, e quer avançar, criar e proteger formas de trabalho e meios de vida com respeito à cultura e ao ambiente natural. Nesse processo, vem se articulando e buscando reconhecimento e visibilidade", explicou. Acrescentou que "essa economia não pode e nem quer ser confundida com "bico". É uma outra economia, não é um setor do capitalismo e nem um nicho. Sua perspectiva é a sociedade do Bem Viver com democracia e convivência harmônica com a natureza.

O que falta, então, para a EPS ir além da resistência popular e virar um modelo?

Nascimento ressaltou a necessidade de socializar as informações sobre e para a EPS, fomentando políticas de comunicação. A situação do momento, a seu ver, foi agravada pela disseminação da chamada "Inteligência Artificial", pois a disputa nos territórios, com a comunicação comunitária e autogestionária, é muito desigual. Ele mencionou o desafio da construção da democracia direta nos processos de autogestão; do trabalho que precisa ser um processo formativo, e de uma mudança cultural englobando a defesa do coletivo, não do individualismo. "Não podemos dar passos à frente e retroceder toda vez que perdemos eleições", observou.

Alzira colocou como desafio a falta de uma base de informação atualizada sobre a ação de sujeitos que fazem a EPS, principalmente após o desmonte das políticas públicas com o golpe que tirou a presidenta Dilma Rousseff do governo, dos anos de perda de direitos, do aumento da fome, da desigualdade e da pandemia de Covid-19. “Quem são, onde estão e o que fazem os/as trabalhadores/as da EPS que emergiram na última década?”, questionou.

A educadora disse que a EPS nos grandes centros urbanos é difusa. Considera a tarefa de articular e propor a organização coletiva gigantesca diante do crescimento do individualismo e da competição estimulada pela lógica do empreendedorismo como “empresário de si mesmo. “Em 2014, os dados do Sistema de Informação de Insumos Estratégicos (SIES) revelavam que 60% da Economia Solidária estava nos campos, nas florestas e nas águas. O Programa Paul Singer define a sua ação prioritária nas regiões metropolitanas e em grandes metrópoles. Entendo que está buscando quem está disperso e é mais vulnerável”, assinalou.

Alzira citou Paul Singer para lembrar que a EPS se amplia com as crises, que geram mais exclusão e desigualdade. Ressaltou a necessidade de dar atenção ao trabalho produtivo e reprodutivo, já que as mulheres são maioria na EPS. Por isso, não basta só atuar na ideia da produção, é preciso trazer a Economia Feminista e romper o isolamento.

Eliane Martins lembrou que a homenagem do Programa a Paul Singer tem justamente a proposta de resgatar o seu pensamento.

13

**PAUL SINGER, PRESENTE!**

Qual é o núcleo de suas reflexões?

Alzira disse que Singer conseguiu colocar a dimensão da Educação Popular na Economia Solidária. Ele trouxe a importância de construir uma outra cultura do trabalho associado e cooperativado, com uma visão pedagógica de vivenciar a economia para experimentar uma relação de trabalho com base na autogestão e na democracia plena. “É preciso mudar a visão de que a Ciência Econômica é baseada em números e que o social é diferente: é uma Ciência Humana e trata das relações em uma dada sociedade e território entre os seus habitantes para garantir a reprodução social”, observou.

Segundo Alzira, a função social da Educação é reproduzir o pensamento hegemônico, principalmente na escola. “Ao propormos a Educação Popular em Economia Solidária estamos na contramão dessa lógica. Queremos uma sociedade equitativa, que respeite as diferenças, os gêneros, e que priorize a ideia de emancipação do trabalho e da defesa dos bens comuns”, concluiu.

Nascimento reafirmou que Singer é um dos principais pensadores socialistas. Acrescentou que a Fundação Perseu Abramo reuniu toda a sua obra, que é muito abrangente e passa pelo território, pela cidade, pela agricultura familiar, entre outros temas, mas, prioritariamente, se detém em dois pontos. O primeiro é a autogestão. O segundo é o processo educativo, em que a Economia Solidária é tratada como um “ato pedagógico”.



Como vamos atuar nos territórios?

Métodos e ferramentas de trabalho

Com as temáticas Metodologia de Trabalho nos Territórios e CADSOL, o segundo seminário de formação virtual, que antecedeu os cursos presenciais das 12 turmas de agentes de EPS no país, contou com a presença do secretário nacional de Economia Popular e Solidária, Gilberto Carvalho, no dia 30 de junho.



15

Carvalho destacou o significado desse momento de formação. “Essa preparação é tão importante quanto as ações que vocês vão realizar nos territórios. O trabalho de campo não é uma prática comum, é preciso qualificação para executá-lo”, afirmou.

O secretário nacional manifestou alegria pelo momento e esperança no trabalho que será colocado nas ruas a partir da entrada de agentes do Programa. “O governo precisa de vocês para levar informações, construir conscientização e para estimular a luta”. Informou também o primeiro desafio. “Precisamos conhecer e analisar a realidade dos coletivos de Economia Popular e empreendimentos de Economia Solidária nos territórios, saber onde estão, quantos são, o que fazem e como podemos ajudar.”

Esse seminário foi mediado pela educadora popular Flávia Santana, que introduziu os debates com perguntas motivadoras a Fernando Zamban, que abordou o CADSOL; Eliane Martins, que falou sobre Pesquisa-Ação, e Denise Eloy, que trabalhou a temática da Sistematização.



Fernando Zamban, que é diretor do Departamento de Parcerias e Fomento da Senaes, explicou como o CADSOL será articulado com o Programa Paul Singer e a estratégia para fortalecer a Economia Popular e Solidária.

Durante sua apresentação, fez uma contextualização histórica e trouxe uma linha do tempo das políticas públicas da Economia Popular e Solidária, desde o surgimento da Senaes em 2003 até a Portaria do CADSOL em 2024. Citou ainda a Lei Paul Singer (Lei nº 15.068/2024).

O diretor falou sobre o funcionamento do CADSOL e como deve ser feito o preenchimento deste cadastro pelos empreendimentos. "Com o CADSOL desatualizado, as políticas públicas não serão construídas. Precisamos desse novo Cadastro para avanços na comercialização, nas finanças, no crédito, e para melhorar a

Zamban explicou que os/as agentes terão um papel importante no apoio ao preenchimento do CADSOL, nos esclarecimentos e na divulgação. "Eles deverão ajudar não só a resgatar os empreendimentos antigos, mas a identificar novos e potenciais,

O assessor da Senaes Francisco José Couceiro de Oliveira (Chico Oliveira) reforçou que só o Cadastro pode ajudar nesta construção de políticas públicas para o setor.

CADSOL VAI AJUDAR A FORTALECER A ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA



Pesquisa-Ação: o caminho que escolhemos

Na sequência, Eliane Martins, integrante da Equipe Nacional e educadora popular, explicou que o Programa Paul Singer adota a Pesquisa-Ação como metodologia para o trabalho de leitura da realidade.

"A Pesquisa-Ação é uma pesquisa participante que tem como questão central a identificação dos problemas, a análise crítica e a construção da reflexão para a transformação."

Segundo a educadora, a Pesquisa-Ação aponta o cenário atual – onde estamos, como nos encontramos e onde queremos chegar? Eliane argumentou que neste tipo de pesquisa os sujeitos são participantes, não se trata de uma pesquisa tradicional. "Existe uma construção para a ação", disse.

A mediadora Flávia Santana perguntou como essa concepção de Pesquisa-Ação estará presente na imersão territorial. Eliane Martins destacou que, com os instrumentos apresentados, serão promovidos encontros para exercitar a escuta dos empreendimentos e coletivos.

E apontou outros passos: "Não é só colher informações, precisamos construir um ambiente de confiança nos territórios."

Depois, sistematizar tudo

O tema da Pesquisa-Ação não pode deixar de ser pensado de forma casada com a Sistematização, observou a educadora popular Denise Eloy.

De acordo com Denise, a concepção da Sistematização do Programa Paul Singer tem raízes na Sistematização de Experiências a partir da Educação Popular na história da América Latina.

"Entendemos como uma prática educativa, que produz conhecimentos a partir dos saberes dos sujeitos envolvidos - um conhecimento situado", colocou.

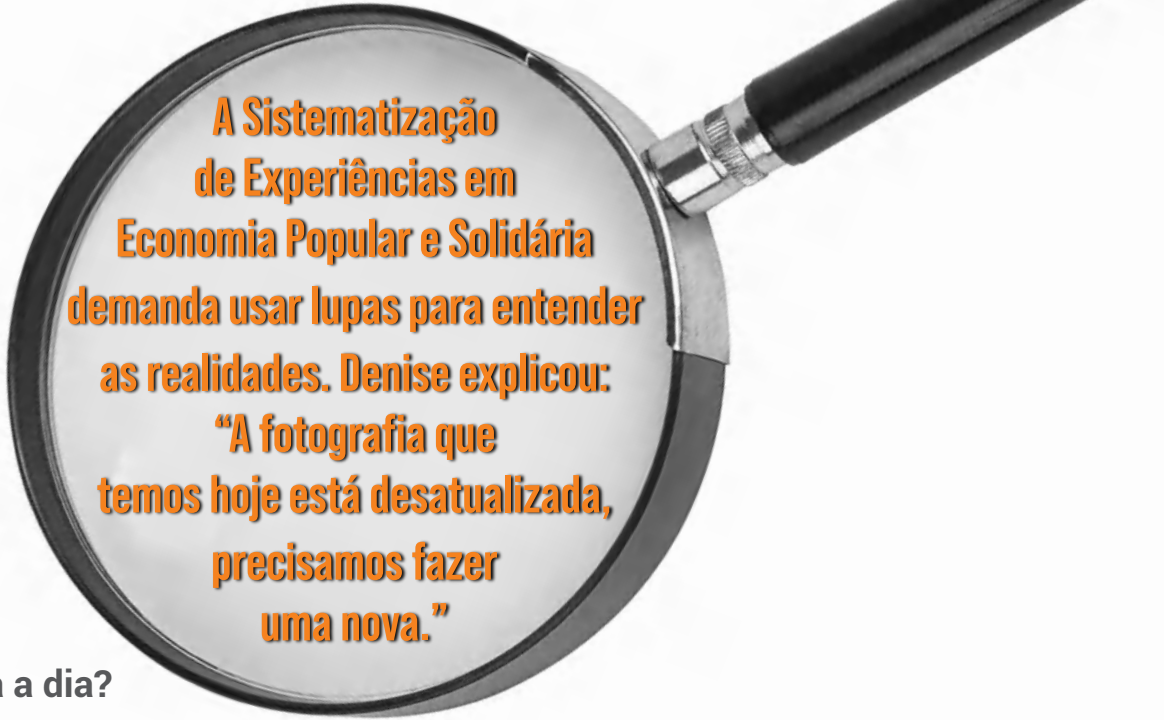
Denise Eloy ressaltou que "só pode sistematizar essa leitura da realidade quem vive a experiência e, por isso, esse processo fortalece a identidade do grupo." Definiu ainda a sistematização como um método de análise da realidade que reúne informação, análise, ação e transformação.





Flavia Santana concluiu, a partir da explanação das convidadas, que a Sistematização é um processo que valoriza os grupos sociais e vê as realidades objetivas e subjetivas. “É muito mais que memória e registro”, ressaltou.

Sistematizar experiências em Economia Popular e Solidária



A Sistematização de Experiências em Economia Popular e Solidária demanda usar lupas para entender as realidades. Denise explicou: “A fotografia que temos hoje está desatualizada, precisamos fazer uma nova.”

Como será no dia a dia?

Denise informou que os/as agentes vão atuar com ferramentas que facilitarão este trabalho. “Teremos o instrumento de leitura da realidade, as sínteses que serão construídas a partir dele, e contamos com o aplicativo do Programa, desenvolvido para uso no trabalho de campo.” Acrescentou ainda que deverão também utilizar cadernos de campo, essenciais para os registros de informações.

Eliane Martins lembrou que o desafio do trabalho é enorme. “As demandas serão muitas, a conjuntura não é favorável e o orçamento é curto. A intenção não é fazer promessas que não poderão ser cumpridas. Os/as agentes terão um trabalho estratégico de construir pontes. Teremos, ainda, uma Frente de Parcerias no Programa que vai poder ajudar nestas respostas às demandas, apontando saídas.”

Denise completou que o Programa Paul Singer, ao ter como pilar a Educação Popular, não vai trabalhar só no imediato. “Atuaremos em processo, no movimento dialógico; por isso essas metodologias foram escolhidas para a atuação territorial.”

Trabalho Seguro, Saudável e Sustentável é prioridade na EPS

“A Fundacentro conta com conhecimentos e pesquisas para a saúde de trabalhadores/as, mas há muita coisa que ainda precisa ser desenvolvida para quem atua na EPS. Quem trabalha não pode ser lesionado, nem adoecer - o conhecimento exposto no Seminário busca ajudar nesse sentido.”

PEDRO TOURINHO
Presidente da Fundacentro

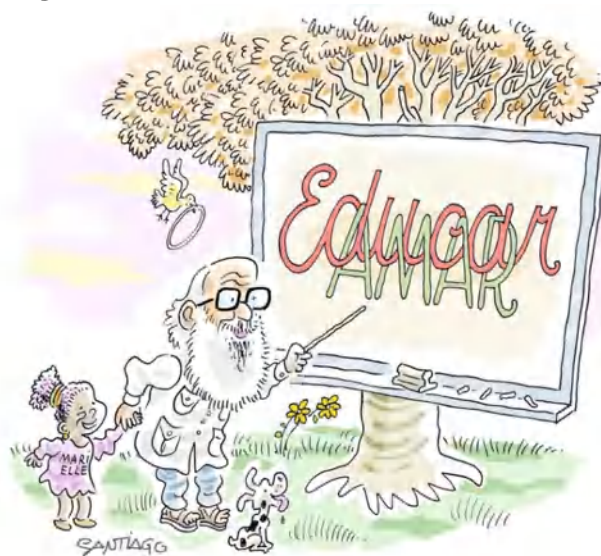


19

O seminário “Saúde e Segurança do Trabalho, Inovação e Educação Popular e Economia Solidária”, realizado em 23 de junho pela equipe da Fundacentro em formato virtual, apresentou conteúdos para colaborar na construção de ambientes mais seguros e saudáveis para quem atua na Economia Popular e Solidária.

O evento foi acompanhado por mais de 600 pessoas pelo canal da Fundacentro no Youtube. Os painéis foram conduzidos por Solange Schaffer, pesquisadora sênior da Fundacentro, e contou com a participação de diversos servidores da entidade, que se revezaram na mediação, entre eles: Rafael Monico, assessor da Presidência; Eberval Oliveira Castro, gestor de Projetos da Diretoria de Conhecimento e Tecnologia; Michel Fukuda, gestor público da Diretoria de Conhecimento e Tecnologia, e Juliana Andrade Oliveira, tecnologista sênior, que fizeram as introduções de cada tema.

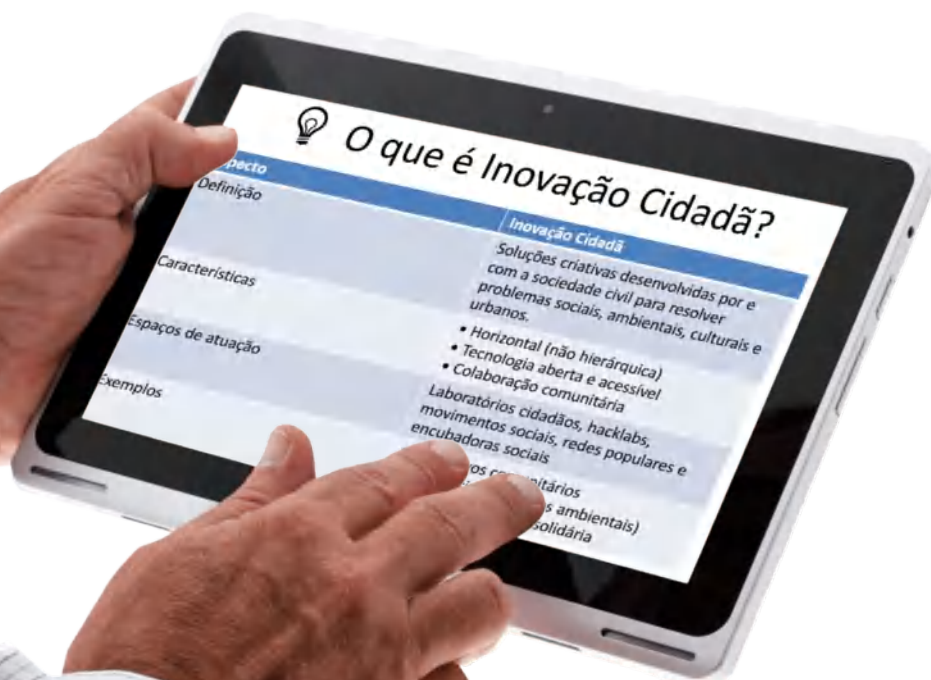
Painel 1 Tecnologia Social



O conceito de Tecnologia Social foi apresentado por Marcelo Alexandre de Vasconcelos, analista em Ciência e Tecnologia do Escritório Avançado da Fundacentro em Pernambuco.

Vasconcelos revisitou Paulo Freire para ressaltar que “ninguém educa ninguém, nem a si mesmo; mas os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. Vasconcelos lembrou que a Economia Solidária desafia as desigualdades, com cooperação e justiça social. E é pela Educação Popular que o diálogo entre EPS e SST pode acontecer, pois traz ao debate a consciência crítica, o conhecimento coletivo, o protagonismo do oprimido - todos temas encontrados em Freire.

Segundo Vasconcelos, a Educação Popular, as tecnologias sociais e a inovação cidadã são sinônimos do fazer com o povo e para o povo.



Painel 2 Monitor IBUTG – Tecnologia para avaliar exposição ao calor

A apresentação do Monitor IBUTG, uma ferramenta para avaliar a exposição ocupacional ao calor, foi o exemplo de uma tecnologia voltada à saúde no trabalho apresentada por Daniel Pires Bitencourt, pesquisador da Fundacentro e editor da Revista Brasileira de Saúde Ocupacional (RBSO). Bitencourt destacou a importância do dispositivo em um país tropical como o Brasil, que tem calor o ano inteiro, e clima subtropical em algumas regiões, contrastando altas e baixas temperaturas.



Bitencourt sugeriu a leitura das Cartilhas da Fundacentro sobre Riscos ao Calor e ressaltou a importância de ter Protocolos de Segurança para a proteção destes/as trabalhadores/as.

21

Como o calor é um dos fatores de risco para quem trabalha em ambientes externos, especialmente em tempos de mudanças climáticas e eventos extremos, esse recurso pode ser muito útil, principalmente para trabalhadores/as da agricultura, construção civil e mineração. No caso da Economia Popular e Solidária, atividades como pesca, espaços de comercialização a céu aberto, agricultura familiar, entre outros, também propiciam uma exposição perigosa.

Painel 3 Saúde e Segurança no Trabalho

Eugênio Hatem Diniz, doutor em Saúde Pública e professor de Ergonomia falou sobre a diferença entre o conceito de segurança tradicional e o que se entende no mundo contemporâneo por segurança no trabalho.

De acordo com o conceito tradicional de segurança, existe sempre uma busca pelo erro e por um culpado, por um descumprimento de normas. “Há um viés para tentar explicar o passado”, observou. Mas Diniz lembrou que, no trabalho, as normas não conseguem prever tudo: “Por mais que um trabalho seja prescrito, trabalhar é lidar com o real e enfrentar variabilidades”.

Já na visão contemporânea, o mundo do trabalho precisa ser visto pelo olhar dos/as trabalhadores/as. “Precisamos sair do modelo capitalista e mercantil e construir uma economia de funcionalidade e



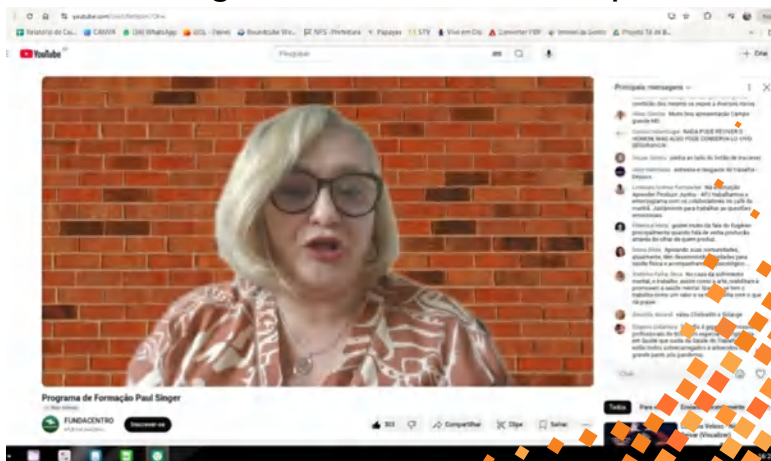
cooperação em que o foco não seja a competição; a gestão seja mais participativa; a produção, mais sustentável; e em que haja engajamento", afirmou. O professor destacou a importância da experiência de trabalhadores/as na construção da segurança no trabalho para a redução de riscos e de acidentes.

Painel 4 Sofrimento e prazer no trabalho

A diversidade dos sentidos do trabalho e seus impactos na vida do/a trabalhador/a, resultando em sofrimento e prazer foram o tema da apresentação de Laura Soares Nogueira, psicóloga que atua no Escritório da Fundacentro de Belém (PA).

Segundo a psicóloga, o trabalho ou a sua falta nos envolve como um todo. "O trabalho é identidade, destaca nossas habilidades físicas e mentais, e estamos constantemente reagindo a ele, com diversos sentimentos", explicou. Se os processos de trabalho exigem demais, eles sempre trarão riscos; sobretudo, porque há uma distância grande entre o trabalho prescrito e o trabalho real, argumentou.

"A forma como reagimos aos processos de trabalho e o grau de exigências podem levar ao adoecimento e ao sofrimento psíquico", observou Laura. Portanto, "o 'x' da questão está no trabalho favorecer a vida. E a chave para isso é o diálogo".



Painel 5 Estudo de caso - Agricultura Familiar

Fábio Maldonado Bentes, tecnologista sênior da Fundacentro, trouxe dados sobre Saúde e Segurança no Trabalho em Agricultura Familiar em um estudo de caso na região serrana de Nova Friburgo (RJ).



Bentes ressaltou que a agricultura familiar pode ajudar a reduzir a migração de filhos/as de agricultores/as para a cidade em busca de melhores condições de emprego e de vida, sendo uma importante estratégia de desenvolvimento. Lembrou que o Brasil tem cerca de 4

milhões de propriedades agrícolas e destacou que o maior desafio do setor é garantir melhorias de condições do trabalho e reduzir os riscos associados à exposição às intempéries e aos agrotóxicos.

Painel 6 Agentes químicos e biológicos

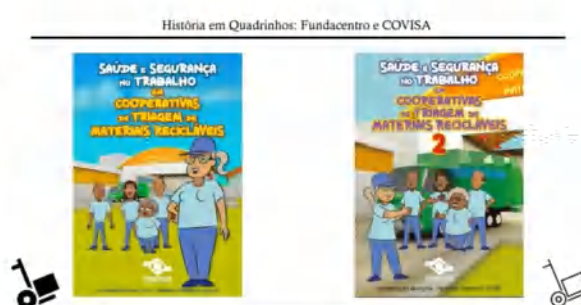
Elizabeth Muto, tecnologista sênior da Fundacentro, comentou uma pesquisa sobre segurança e saúde nas Cooperativas de Reciclagem de Materiais que envolveu a Coordenadoria de Vigilância e Saúde de São Paulo e 20 cooperativas conveniadas à Prefeitura daquele Estado.

O estudo trouxe o perfil das trabalhadoras (maioria mulheres), faixa etária (18 a 50 anos), escolaridade (predominância do Ensino Fundamental), condições do espaço físico, organização do processo produtivo

(transporte, triagem, armazenamento e comercialização), e de uso de Equipamentos de Proteção Coletiva e Individual (extintores, uniformes, luvas, sapatos, manutenção das máquinas).

O levantamento enumerou os seguintes riscos: físicos (perda auditiva), químicos (doenças, dermatites, queimaduras, alergias, metais pesados, lâmpadas fluorescentes) e biológicos (doenças causadas por roedores, tétano, mosquitos e materiais hospitalares) e os tipos de acidentes.

Os dados resultaram em publicações, como Histórias em Quadrinhos, além da realização de um seminário dedicado especialmente ao tema.



23

Painel 7 Desafios enfrentados por catadoras de reciclável

A psicóloga Ana Rúbia Wolf Gomes, que atua no escritório da Fundacentro em Santa Catarina, discorreu sobre a saúde mental de catadores/as de material reciclável e as principais dificuldades enfrentadas. Segundo Ana Rúbia, atualmente são 800 mil catadores/as, a maioria mulheres, que trabalham nas ruas, não em cooperativas.

A psicóloga traçou o perfil, idade, capacitação, e os riscos enfrentados, sobretudo com a saúde, por manipularem material perfurocortantes, lixo hospitalar e prensas. Disse ainda que as associadas sofrem preconceitos e a sociedade não tem responsabilidade com o descarte de resíduos, o que complica a atuação dessas trabalhadoras.



Painel 8 Interface entre Agricultura Familiar e EPS

Cristiane Paim da Cunha, engenheira agrônoma e tecnóloga sênior da Fundacentro no Rio Grande do Sul, destacou a importância de olhar para o trabalho e a diversidade produtiva da Agricultura Familiar. Entre os benefícios para a sociedade, mencionou a segurança alimentar, a geração de renda, o desenvolvimento rural, a manutenção das culturas locais e as técnicas de preservação e desenvolvimento sustentáveis.



No entanto, Cristiane observou que persistem dificuldades de acesso aos mercados, ao crédito e à assistência técnica. Disse que ainda falta capacitação, é preciso enfrentar vulnerabilidades climáticas e organizar a sucessão familiar.

Os eventos extremos recentes de ciclones e chuvas intensas vivenciados pela população no Estado acrescentaram um grande desafio: tratar da saúde mental de agricultores/as atingidos/as pelas emergências socioambientais.

Após a conclusão dos painéis, Solange Schaffer colocou três questões geradoras para aprofundamentos dos debates em grupos.



01

Segundo a sua experiência, quais aspectos da SST são mais difíceis de compreender?

02

Quais os principais desafios e reflexões a SST traz para a sua atuação territorial?

03

Como a SST pode auxiliar na solução viável de problemas em associações, coletivos ou empreendimentos solidários?



Aprofundamentos temáticos para fortalecer aprendizados

Discussões, sínteses e aproximação dos temas com a atuação territorial



25

Sabe aquela sensação quando você lê um livro muito rápido e não lembra de detalhes que podem fazer toda a diferença? Não acontece só na leitura. Se acompanhamos uma palestra ou seminário e estamos no papel de ouvintes, muitas vezes isso também acontece. Daí a necessidade de revisitar e aprofundar os temas, de fazer anotações, de refletir, de reelaborar o que é o núcleo de cada tema para garantir que os conteúdos e aprendizados possam ser fixados, colocados em prática e multiplicados.

Os aprofundamentos temáticos são práticas que integram o Percursos Formativos de agentes de Economia Popular e Solidária do Programa Paul Singer. São uma metodologia permanente na preparação das equipes para o trabalho.

Na primeira etapa de formação dos/as 500 agentes, após cada seminário virtual realizado, a Equipe Nacional, a Coordenação Estadual e agentes de Economia Popular e Solidária dedicaram um período para as reflexões sobre aprendizados, desafios, consensos, polêmicas, enfim, o que o grupo conseguiu construir coletivamente sobre o assunto.

Nos encontros de aprofundamento, os/as agentes são motivados a dar continuidade às reflexões, fazendo sua própria sistematização das discussões.

Um olhar sobre o território - a primeira fotografia

A primeira tarefa proposta a AGEPS do Programa Paul Singer foi um exercício de observação territorial, um olhar sobre o local onde estão com os pés fincados, os seus territórios, para o levantamento de informações sobre Economia Popular e Solidária.

Essa tarefa foi batizada de “Construção de uma Fotografia Territorial”. Ela traz do campo os empreendimentos e coletivos conhecidos; as forças vivas e as políticas nas comunidades; potenciais parceiros; redes que possam atuar de forma conjunta com o Programa; políticas públicas já estabelecidas, como Cozinhas Solidárias; outros agentes territoriais do Governo Federal, e movimentos estabelecidos, como Conselhos e Fóruns.

O mapeamento desses dados teve como objetivo facilitar a construção do Plano de Trabalho de cada agente e colaborar na imersão territorial após a formação presencial. Esse exercício de observação deu início à prática da sistematização, ao relato organizado e analítico do cenário com o qual passaram a conviver em seguida.

Assim, o coletivo de cada Estado construiu suas fotografias a partir da compreensão de seus próprios territórios, criando subsídios.

É importante destacar que a compreensão de território do Programa Paul Singer é a de “território imediato”, onde os/as agentes trazem aproximações e relações construídas, ou em construção. São conhecedores/as das lutas, das reivindicações e dos desafios daquele chão e das comunidades ali envolvidas.

A frase do teólogo Leonardo Boff exemplifica muito bem essa proposta:

“A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam.”



Aplicativo (APP) e Instrumento de Leitura da Realidade

Indicadores e diagnósticos para subsidiar políticas públicas

Para conhecer a realidade dos Empreendimentos de Economia Solidária (EES) e dos Coletivos de Economia Popular (CEP) nos territórios, o Programa Paul Singer definiu o caminho da Pesquisa-Ação e da Sistematização.

Os métodos escolhidos não são de uma pesquisa acadêmica, e sim de um mapeamento participativo. Se, por um lado, o trabalho se torna mais complexo pela necessidade de adesão e mobilização de EES e CEP, por outro, traz como potencialidade a elaboração de respostas coletivas para as demandas e a transformação de realidades.

Para isso, os/as agentes contarão com o Aplicativo (APP) construído especialmente para o Programa Paul Singer e com o Instrumento de Leitura da Realidade.

27



CONHEÇA CADA UM DELES!

APP para o levantamento de indicadores



O Aplicativo é uma ferramenta imprescindível para o levantamento de indicadores e a prestação de contas. Por meio do APP, os/as agentes registram todas as atividades realizadas, o que permite à Equipe de Gestão do Programa Paul Singer acompanhar 500 agentes em mais de 400 territórios. A partir dos dados inseridos, o próprio Aplicativo gera relatórios mensais.

O App vai garantir, portanto, informações quantitativas de ações, reuniões, articulações, parcerias, formações, enfim, do cotidiano do **"ser agente e estar em campo"**.

28

Para facilitar o uso do Aplicativo, foram realizadas oficinas com as coordenações estaduais, e o APP foi apresentado ao grupo de agentes territoriais durante os cursos presenciais por região. Além disso, há uma equipe permanente de suporte para atendimento em caso de dúvidas.

O Guia do APP, organizado por Luísa Alves, do Departamento de Projetos da Senaes, traz orientações para que os/as agentes possam registrar suas atividades dentro de quatro eixos:

- 1 Diagnóstico Territorial e Reconhecimento de Iniciativas;
- 2 Educação Popular e Formação em Economia Popular e Solidária;
- 3 Incidência Política e Articulação Institucional; e
- 4 Valorização do Trabalho Justo e Digno.

Tecnologia Livre

O APP do Programa Paul Singer foi desenvolvido pela equipe de TI da Fundacentro. O projeto, coordenado por Victor Mammana com o apoio de bolsistas, utiliza tecnologias abertas (Software Livre). A escolha por esta tecnologia é uma forma de resistência e luta nestes tempos em que as Big Techs têm imposto uma espécie de colonialismo digital em todo o mundo, com dependência de softwares proprietários e interferências no trabalho, na vida social e cultural e até na política.

“Como a leitura da realidade é uma atividade complexa, é preciso enxergar as diversas ‘camadas’ dos cenários encontrados e eleger prioridades”



29

Instrumento de Leitura da Realidade

Idealizado pela Equipe Nacional, junto com os/as coordenadores/as estaduais, o Instrumento de Pesquisa-Ação para a Leitura da Realidade nos Territórios é uma ferramenta para mapear demandas, desafios e oportunidades através da coleta de dados qualitativos dos empreendimentos de EPS.

“Como a leitura da realidade é uma atividade complexa, é preciso enxergar as diversas ‘camadas’ dos cenários encontrados e eleger prioridades”, orienta a educadora popular Eliane Martins. A leitura da realidade feita pelo Programa Paul Singer elegeru como recorte

prioritário a Economia Popular e Solidária.

Neste mapeamento, estão previstas duas etapas. A primeira é focada na realidade dos CEPs e EESs. A segunda propõe a análise do território de entorno dos empreendimentos e coletivos acompanhados.

Como acontece a coleta de informações

O Programa Paul Singer disponibiliza formulários para que os/as agentes façam a coleta das informações a partir de categorias de análise.

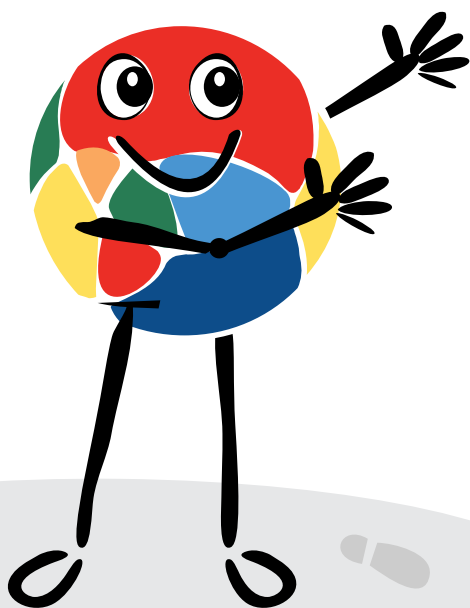
Os/as agentes devem realizar encontros, visitas e reuniões com

os empreendimentos e coletivos, em um processo de diálogo permanente, com muita escuta e observação, e, neste momento, fazer o preenchimento do Instrumento de Leitura da Realidade. Esta é uma tarefa específica do/a agente.

A primeira etapa de aplicação dos questionários é para conhecer os EESs ou CEPs e suas demandas, “mergulhando” nas realidades.

Para definir um calendário de trabalho e firmar uma carta de compromissos junto com os empreendimentos e coletivos.

Na visita inicial, o/a agente apresenta o Programa Paul Singer e seus objetivos. É um momento de aproximação, de equalizar expectativas. Os/as agentes explicam por que o Programa está naquele território, e as intenções da Pesquisa-Ação.



Na segunda visita, verificam dificuldades e potencialidades, a partir da base de dados do CADSOL, e as prioridades.

O Programa Paul Singer orienta um roteiro de perguntas que devem ser feitas, sugere metodologias e o tempo destinado à realização de cada uma destas atividades.

A forma da coleta é adaptável quanto ao número e o tempo das visitas. Os/as agentes podem identificar e incluir novas demandas e categorias, de acordo com as realidades encontradas. Os conteúdos podem ter acréscimos, mas não supressões.

Próximos passos

Após estas visitas iniciais, seguem os encontros:

1º Encontro: Mapeamento das condições estruturais e das relações de produção e trabalho do EES e CEP;

2º Encontro: Mapeamento das finanças, comercialização e comunicação do EES e CEP;

3º Encontro: Mapeamento da Saúde e Segurança no Trabalho, Sustentabilidade e Formação, e Assessoramento Técnico;

4º Encontro: Construção do Plano de Ação com as demandas apontadas em cada categoria, organizadas por ordem de prioridade.

A primeira etapa do trabalho com o instrumento está prevista para o período de imersão territorial dos/as agentes entre agosto a novembro de 2025.

Formação e organização

Além do levantamento de informações para conhecer a real situação da EPS no país, essas ações têm um sentido formativo e organizativo dos empreendimentos e coletivos. O intuito é apoiá-los na busca por sustentabilidade. Isto porque o Instrumento de Leitura da Realidade foi estruturado a partir da concepção de Educação Popular do Programa Paul Singer, que inclui a formação, organização, articulação e mobilização, envolvendo diretamente trabalhadores/as de EES e CEP.

O Programa prevê uma segunda etapa de aplicação do Instrumento, desta vez para a Leitura de Programas e Políticas Públicas existentes nos territórios. O objetivo é atualizar o Plano de Ação discutido no último encontro da primeira fase.

A caminho do Sistema Nacional de Economia Solidária

Existem muitas expectativas quanto aos resultados a serem alcançados

com este trabalho, diz a educadora popular Flávia Santana, integrante da Equipe Nacional. “Atuamos em um programa governamental que precisa prestar contas, exige transparência, tem metas”, argumenta. Flávia ressalta que as análises das categorias e informações do formulário estão ligadas a indicadores que devem ser necessariamente observados.

Os dados coletados por meio destas duas ferramentas – o APP e o Instrumento de Leitura da Realidade – são importantes para a construção do Sistema Nacional de Economia Solidária. Os/as agentes, portanto, têm o desafio de trazer trabalhadores/as da EPS para dentro de um processo permanente de fortalecimento das políticas públicas. “Estão no território não só para resolver problemas individualizados, mas para construir respostas às demandas coletivas”, afirma Flávia.



Lançamentos e Encontros Presenciais

FOTOS: Arquivo Programa Paul Singer

PROGRAMA DE FORMAÇÃO
PAUL SINGER
AGENTES DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA

Este é o KIT DA AGENTE para lhe acompanhar sempre. Nele você poderá encontrar o que é indispensável.

Um elástico lembrando o seu círculo de unidade nos Movimentos de Economia Popular e Solidária. Ele poderá ficar grande ou pequeno, conforme sua capacidade e desejo de se relacionar com os grupos e movimentos AGESP.

Um clipe para juntar todos os ensinamentos.

Território é o lugar de onde você vem, de onde eu me encontro. Território é onde, é o local que garante a produção e reprodução social, política e econômica.

É diferente. Revolucionaria a distância.

PAUL SINGER

ARTICULADORA NACIONAL DE AGRICULTORES

AGENTE ERIK DUARTE

Lançamentos e Encontros Presenciais

FOTOS: Arquivo Programa Paul Singer

PROGRAMA DE FORMAÇÃO PAUL SINGER AGENTES DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA

Este é o KIT DA AGENTE para lhe acompanhar sempre. Nele você poderá encontrar o que é indispensável. Um elástico lembrando o seu círculo de unidade nos Movimentos de Economia Popular e Solidária. Ele poderá ficar grande ou pequeno, conforme sua capacidade e desejo de se relacionar com os grupos e movimentos AGESP. Um clipe para juntar todos os ensinamentos.

Território é o lugar de onde você vem, de onde eu me encontro, onde eu me encontro. Território é onde, é o local que garante a produção e reprodução social, política e econômica.

AGENTE ERRI DUAL

[illegible]

**Lançamentos
e Encontros
Presenciais**

FOTOS: Arquivo Programa Paul Singer

Território é o lugar de onde você vem, de onde "eu me encontro", onde eu me encontro. Território é onde, é o local que garante a produção e reprodução social, política e econômica.

PROGRAMA DE FORMAÇÃO PAUL SINGER AGENTES DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA

Este é o KIT DA AGENTE para lhe acompanhar sempre. Nele você poderá encontrar o que é indispensável. Um elástico lembrando o seu círculo de unidade nos Movimentos de Economia Popular e Solidária. Ele poderá ficar grande ou pequeno, conforme sua capacidade e desejo de se relacionar com os grupos e movimentos AGESP. Um clipe para juntar todos os ensinamentos.

Ponto 1 - Apresentação

Ponto 2 - Análise do território

Articulação Nacional de Agroecologia

AGESP

PAUL SINGER

AGENTE ERRI DUAL

Lançamentos e Encontros Presenciais

FOTOS: Arquivo Programa Paul Singer

PROGRAMA DE FORMAÇÃO PAUL SINGER AGENTES DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA

Este é o KIT DA AGENTE para lhe acompanhar sempre. Nele você poderá encontrar o que é indispensável. Um elástico lembrando o seu círculo de unidade nos Movimentos de Economia Popular e Solidária. Ele poderá ficar grande ou pequeno, conforme sua capacidade e desejo de se relacionar com os grupos e movimentos AGESP. Um clipe para juntar todos os ensinamentos.

Território é o lugar de onde você vem, de onde "eu me" identifiquei, onde eu me encontro. Território é onde, é o local que garante a produção e reprodução social, política e econômica.

É diferente. Revolucionar a educação. Não é Libertadora. É educar para a liberdade.

AGENTE ERRI DUAL

Atos políticos marcaram apresentação de agentes nos Estados

De Norte a Sul, as atividades de lançamento do Programa Paul Singer nos Estados reuniram representantes governamentais e não governamentais, como movimentos, associações, conselhos e fóruns, empreendimentos solidários e coletivos populares, incubadoras, universidades, institutos federais, dentre outras entidades que manifestaram apoio ao trabalho dos/as agentes e ao Programa. agentes de mais de um Estado.



33

SUL 1 – RIO GRANDE DO SUL

O lançamento aconteceu em 28 de julho de 2025, no auditório do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre e Região (SindBancários), em Porto Alegre. Cerca de 174 pessoas acompanharam o evento. No RS, 40 agentes de EPS estão em campo.





34

SUL 2 – PARANÁ E SANTA CATARINA

O lançamento aconteceu em 22 de julho de 2025 e reuniu 100 pessoas no auditório da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário do Estado do Paraná (Fetraconspar), no centro de Curitiba. No total, são 44 agentes nesta região, sendo 22 no Paraná e 22 em Santa Catarina.





SUDESTE 1 – MINAS GERAIS

O lançamento aconteceu em 30 de julho de 2025, no Recanto Marista Remar, em Ribeirão das Neves, Região Metropolitana de Belo Horizonte. São 44 agentes de EPS neste Estado.

35

FOTOS: Acervo Programa Paul Singer



MAIO A AGOSTO DE 2025



SUDESTE 2– ESPÍRITO SANTO E RIO DE JANEIRO

O lançamento aconteceu em 31 de julho de 2025, no Palácio da Fazenda, no centro do Rio de Janeiro, com um público estimado de 160 pessoas.

Participaram da cerimônia 38 agentes territoriais, sendo 26 do Rio de Janeiro e 12 do Espírito Santo.





SUDESTE 3 – SÃO PAULO

O lançamento aconteceu em 28 de julho de 2025 na Escola Nacional Florestan Fernandes, em Guararema, com um público estimado de 100 pessoas. O Estado conta com 60 agentes nos territórios.

37

CENTRO-OESTE - DISTRITO FEDERAL, GOIÁS, MATO GROSSO E MATO GROSSO DO SUL

O lançamento aconteceu em 22 de julho de 2025 no auditório do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), na Esplanada dos Ministérios. Participaram 16 agentes do Distrito Federal, 16 de Goiás, oito de Mato Grosso e oito de Mato Grosso do Sul. No total, são 48 agentes na região.

FOTOS: Acervo Programa Paul Singer



NORDESTE 1 – CEARÁ, PIAUÍ E MARANHÃO

O lançamento aconteceu em 1º de agosto de 2025 no Centro de Formação e Pesquisa Frei Humberto, em Fortaleza (CE), com um público estimado de 80 pessoas. No total, são 58 agentes distribuídos pelos Estados do Ceará, Piauí e Maranhão.



NORDESTE 2 – BAHIA, ALAGOAS E SERGIPE

O lançamento aconteceu em 21 de julho de 2025 no Instituto Anísio Teixeira, em Salvador (BA). Houve a apresentação de 36 agentes territoriais da Bahia, 14 de Alagoas e oito de Sergipe.



NORDESTE 3 – PERNAMBUCO, PARAÍBA E RIO GRANDE DO NORTE

O lançamento aconteceu em 21 de julho de 2025 no Centro de Formação e Lazer do Sindicato dos Trabalhadores Federais da Saúde, Trabalho e Previdência (Sindisprev), em Recife (PE). O evento reuniu cerca de 80 pessoas. Nesta região, há 51 agentes, sendo 23 de Pernambuco, 14 da Paraíba e 14 do Rio Grande do Norte.



39

NORTE 1 – AMAZONAS E RORAIMA

O lançamento aconteceu em 22 de julho de 2025 no auditório do Ministério Público do Trabalho (MPT) em Manaus (AM), e em 26 de setembro de 2025 no auditório do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima, em Boa Vista. Essa turma é formada por 22 agentes, sendo 16 do Amazonas e seis de Roraima.



NORTE 2 – PARÁ, TOCANTINS E AMAPÁ

O lançamento aconteceu em 29 de julho de 2025 no espaço da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em Belém do Pará. O evento reuniu aproximadamente 100 pessoas. No total, são 36 agentes nessa região, sendo seis do Amapá, 22 do Pará e oito do Tocantins.



NORTE 3 – ACRE E RONDÔNIA

O lançamento aconteceu em 27 de maio de 2025 no Sebrae, em Rio Branco, no Acre. No total, essa região compreende 12 agentes, sendo seis em Rondônia e seis no Acre. Rondônia ainda vai realizar o seu lançamento.



Região Sul 1 Rio Grande do Sul

29 a 31 de julho de 2025

Pousada Convento São Lourenço – Porto Alegre

Entre Sulcos, Linhas e Palavras: a jornada de formação de AGEPS

Antes de sermos Agentes do Programa Paul Singer, já tínhamos nossas caminhadas, nossas lutas em nossos territórios. Cada agente com sua bagagem, cada comunidade com seu mundo - um olhar profundo para o ser humano em suas especificidades: urbano ou rural, gente é gente, não importa o lugar do mundo.

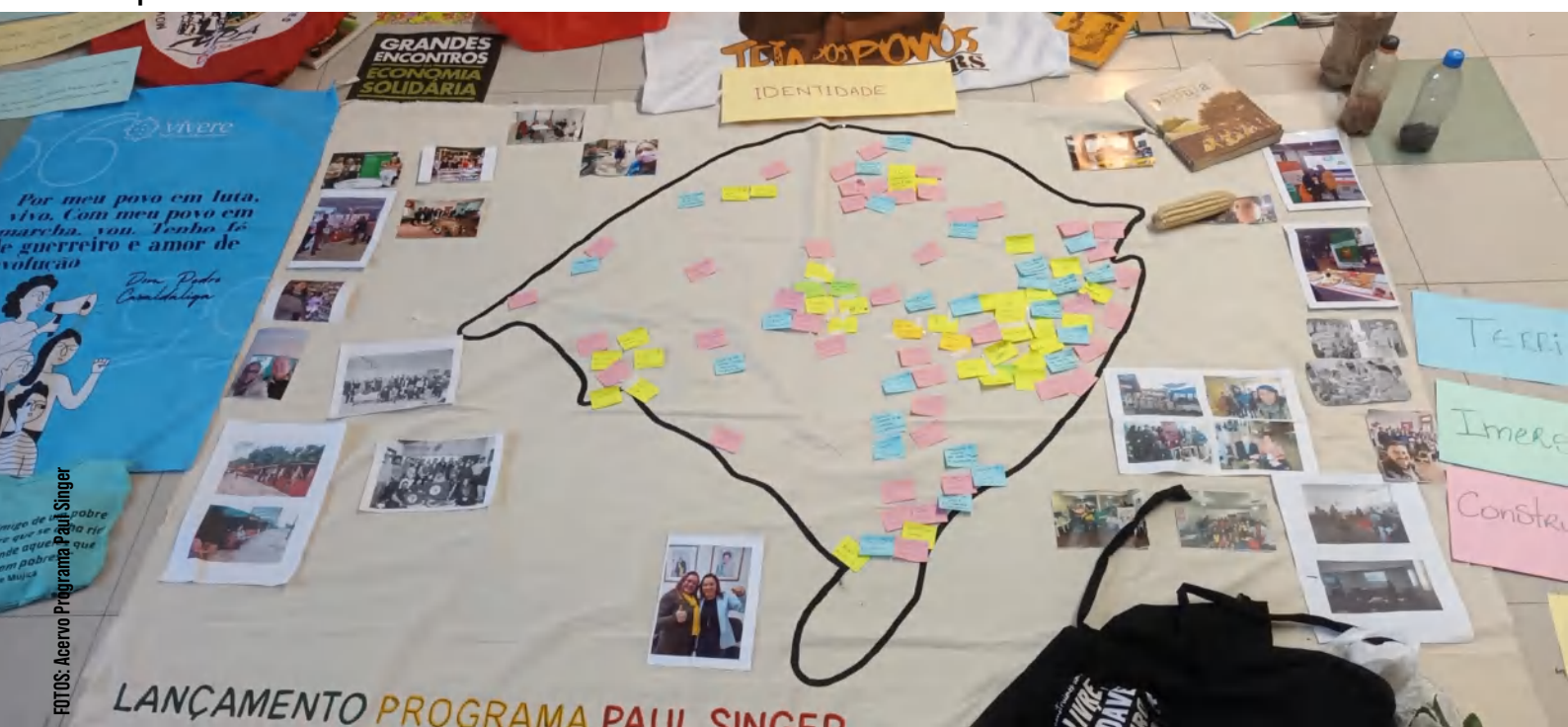


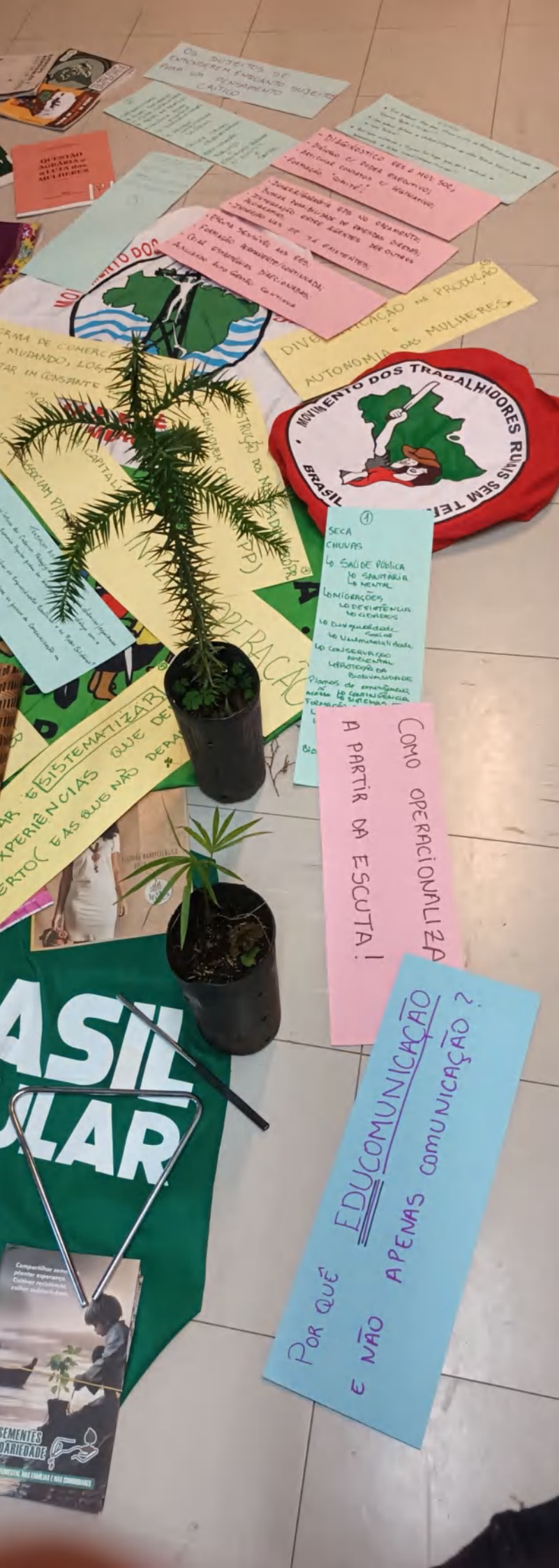
RIO GRANDE DO SUL

Então, o Programa Paul Singer nos encontrou e nos mostrou uma trilha. Toda a nossa história, forjada em alegrias e dores, parecia nos preparar para este caminho. E compreendemos que não estamos mais sozinhos/as nessa caminhada; nem tudo se resume ao capital; e a fórmula mágica é a coletividade.

Saímos dos territórios com a mala pequena e os corações inquietos, rumo à capital dos gaúchos. A estrada parecia longa, carregada de expectativas, dos sonhos que cabem nas mãos calejadas de quem planta, costura, cozinha, cria versos e rimas. Porto Alegre, fria e chuvosa, foi palco do lançamento do Programa Paul Singer. O auditório do SindBancários se encheu de vozes, sonhos e esperanças. Cada agente trouxe um fragmento de seu território: sementes crioulas, artesanatos, plantas medicinais, livros, bandeiras, gestos de cultura popular, intervenções urbanas e rurais, formando uma mandala tecida pela diversidade.

41





Saímos dos territórios com a mala pequena e os corações inquietos, rumo à capital dos gaúchos.

A estrada parecia longa, carregada de expectativas, dos sonhos que cabem nas mãos calejadas de quem planta, costura, cozinha, cria versos e rimas. Porto Alegre, fria e chuvosa, foi palco do lançamento do Programa Paul Singer.

O auditório do SindBancários se encheu de vozes, sonhos e esperanças. Cada agente trouxe um fragmento de seu território: sementes crioulas, artesanatos, plantas medicinais, livros, bandeiras, gestos de cultura popular, intervenções urbanas e rurais, formando uma mandala tecida pela diversidade.

Ali as falas ecoaram como as sementes lançadas à terra: na luta contra retrocessos, no chamado à organização popular, no cooperativismo como instrumento, na economia como vida, não como números. Recordamos Paul Singer, o professor que via na solidariedade a essência de uma nova forma de produzir e viver.

Entre memórias e compromissos, cada participante escreveu um sentimento em um pedaço de tecido - uma "semente" entregue à lavanda, símbolo de bons ventos para a caminhada.

O evento encerrou com o café do Armazém do Campo, repleto de alimentos da reforma agrária.

Depois, nos três dias do encontro presencial, seguimos compartilhando sonhos, experiências, lutas e vivências. Como um agricultor abrindo o sulco para plantar sua semente, como uma costureira preparando o carretel na máquina, como um professor iniciando sua aula, assim foram as falas iniciais da coordenação estadual e da equipe nacional convocando para a missão da EPS. A formação seguiu com o painel de Lúcia Garcia, do DIEESE, que analisou a conjuntura nacional.

Lúcia alertou sobre o "Tecnofeudalismo", que aponta para uma nova fase, a do Capitalismo Financeiro Digital, em que a pulverização da propriedade e o poder dos fundos financeiros precarizam o trabalho e aceleram crises sociais e ambientais. "A EPS é uma cápsula de esperança", disse.

Nelsa Nespolo, da Unisol e Justa Trama, teceu a história da EPS como quem abre um livro de memórias e conquistas. Destacou a força que brota da base popular: "Sem nós, a base, não há Economia Solidária, só um sonho bonito!". Nelsa falou dos bancos comunitários, das cooperativas, das redes de apoio e da urgência de articular direitos trabalhistas e cadeias solidárias para que o desenvolvimento territorial floresça com justiça, cuidado e protagonismo.

Helena Bonumá, coordenadora da Rede Nacional de Economia Solidária e Feminista (RESF) e fundadora da Guayí, refletiu sobre a construção de

identidade e projetos, em que o sentido do trabalho e o trabalho que faz sentido se encontram. "Temos que colocar no centro o trabalho para produzir a vida", observou, ressaltando que a EPS faz parte da história do Brasil, que se conecta a povos indígenas e quilombolas. Helena salientou a importância de se aproximar dos territórios, de transformar o trabalho em dignidade e de dialogar com o poder público.



43



O encontro propiciou discutir alianças para o trabalho nos territórios: da esquerda para direita: Mari Martinez (Coordenadora do Escritório do MINC no RS), Sandra Christ (MTD e Coordenadora do AgPopSUS no RS) e Cristiane Paim (Tecnologista da Fundacentro).



44

Chico Oliveira, da Senaes, trouxe a dimensão das políticas públicas, conectando história, lei e prática. Falou sobre o Plano Nacional de Economia Solidária, a lei do Sistema Nacional e a necessidade de articular municípios, movimentos e redes. "Com o governo Lula, temos uma opção política concreta de colocar a EPS no orçamento", afirmou, acrescentando que a luta é também por visibilidade, reconhecimento e efetividade das políticas.

O debate avançou para as mudanças climáticas e a ação organizada da sociedade. Teve participação de Dilermando Cattaneo da Silveira (UFRGS), Jacira Teresinha Dias Ruiz (Cáritas Regional RS) e Fernando Campos Costa (Movimento dos/as Trabalhadores/as Sem-Teto – MTST), que apresentaram experiências de enfrentamento às crises climáticas, como Cozinhas Solidárias, projetos comunitários e mobilizações locais.

Entendemos que o RS é uma "zona de sacrifício", onde a vida é ferida pela ganância do agronegócio e pelo descuido com a natureza. As enchentes, cada vez mais intensas, refletem uma rede de forças: o desmatamento do Cerrado e da Amazônia, a alteração de ventos e rios atmosféricos, a devastação das margens e a negligência com a proteção das cidades.

O RS está ligado à Amazônia como um corpo só, úmido e vivo. As respostas estão nas lições das comunidades ribeirinhas, que sabem resistir às águas com sabedoria ancestral. Por isso, não basta falar em "resiliência", como quem deseja voltar ao que era antes. É preciso falar em "re-existência", de reinventar-se, persistir, de territórios de resistência, de mundos novos que brotam da coragem dos povos e da memória da terra, explicou Silveira.



“A autogestão começa com o coração. As mãos fazem o que se produz. O coração é a base da sensibilidade, da arte. O corpo todo participa do aprendizado. O olhar é escuta, porque você pode olhar sem escutar. Sistematizar não é só escrever texto, é capturar imagens, experiências, vivências”. Claudio Nascimento

Claudio Nascimento refletiu sobre a Educação Popular na EPS. Explicou a metodologia da Pesquisa-Ação, do sentir-pensante, desconstruindo visões de mundo herdadas do colonialismo. Cada agente foi chamado/a a perceber o território com todos os sentidos - ver, sentir, ouvir, tocar, pensar.

Claudir Nespolo, Superintendente Regional do Trabalho e Emprego no RS, enfatizou: “Vocês representam um programa público, construído por um governo eleito para trabalhar pelo povo e enfrentar as desigualdades. Cada agente territorial é, acima de

tudo, um/a dirigente da luta política e social em seu território.”

Durante a formação presencial, foi possível responder às dúvidas, iniciar o planejamento dos projetos individuais, compreender o funcionamento do aplicativo do Programa para trabalho em campo. O sentimento de responsabilidade era grande, mas também a convicção de que é preciso transformar realidades e fortalecer a coletividade. Aprendemos que ser agente não é chegar com respostas prontas, mas com perguntas que abrem veredas. E entendemos o

nome da nossa mascote: Pergunta Geradora. Somos menos quem ensina e mais quem provoca; menos donos/as de saber e mais pontes de escuta.

Voltamos para casa diferentes. O mesmo território, as mesmas ruas, mas um olhar novo para velhas paisagens. Carregamos uma rede de companheiros/as espalhados/as pelo Estado, unidos/as por fios de solidariedade. Não sabemos tudo o que virá. Sabemos que seguimos como quem costura retalhos para fazer uma colcha, como quem planta sementes sem pressa de colher. O Programa Paul Singer não é um começo, é continuidade de uma história escrita a muitas mãos. E nós, com nossas perguntas, somos mais uma linha nessa trama infinita.

Texto elaborado pelo Comitê de Educomunicação - RS



EQUIPE DA FORMAÇÃO

**Coordenação Estadual do
RIO GRANDE DO SUL**
André Aloiso Mombach
Dora Bragança Castagnino

Coordenação da Equipe Nacional
Clarinha Glock
Claudio Nascimento

Senaes
Chico Oliveira

Fundacentro
Cristiane Paim da Cunha

Região Sul 2 Paraná e Santa Catarina

22 a 25 de Julho de 2025 - Hotel Estação Express - Curitiba (PR)

Desde as terras do Contestado, uma turma em construção

Desde há muito esperávamos, Curitiba se abriu, quarta-feira no inverno, a data julina se construiu. Nela chegam 22 paranaenses; 21 catarinenses, tantos/as ainda desconhecidos/as, compondo um novo perfil. Turma Sul 2! Todos/as foram acolhidos/as por quatro coordenadores/as estaduais – ao mesmo tempo preocupados/as, entusiasmados/as e apreensivos/as, seguiram a se descobrir e a construir um caminho de formação. Partiu!

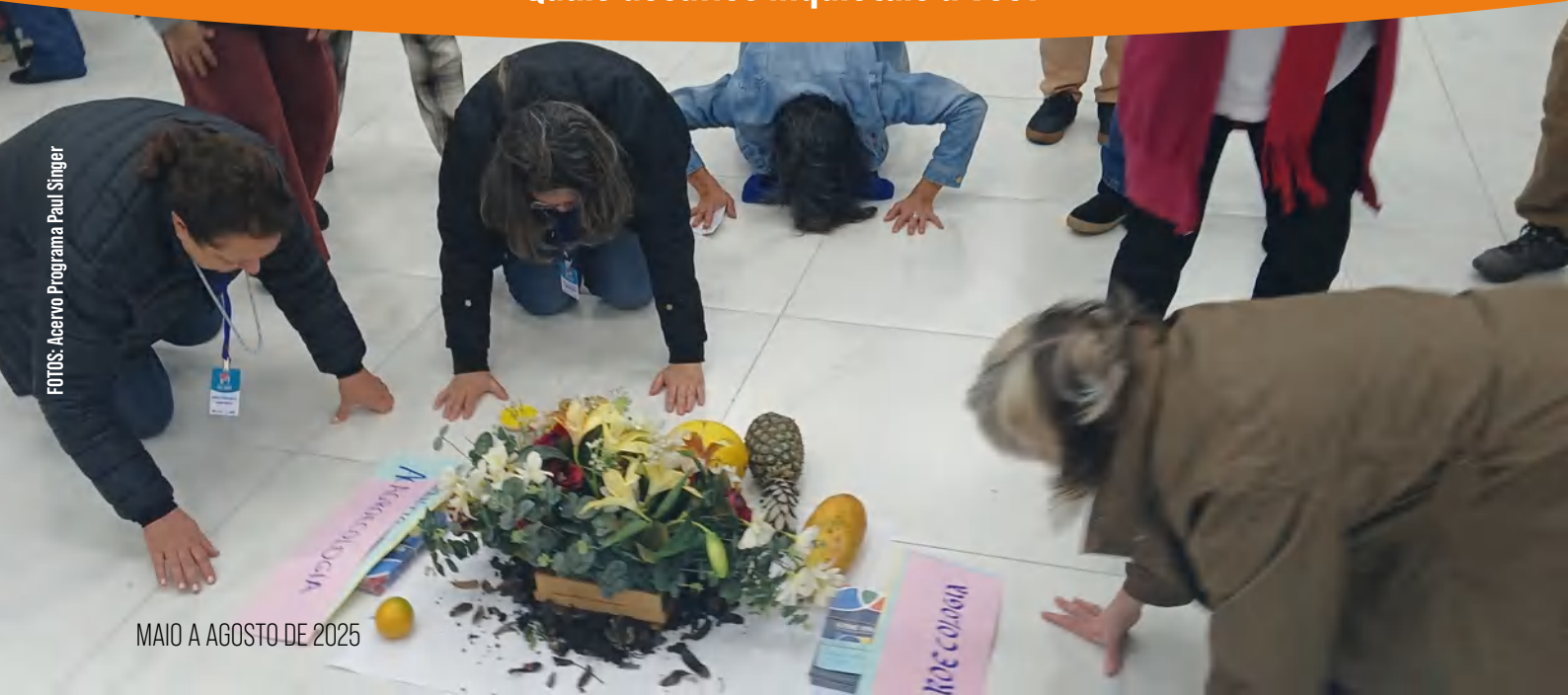


Desde a mística de entrosamento surgem o Singer, com o Freire, num concreto entrosamento. Junto a eles se encontram mais duas assessorias nacionais. Tem mais uma Superintendente do Trabalho e uma companheira da Senaes. Tem guri e cuidadora, agricultura e artesanaria, em habilidades manuais.

Tal maravilha começa lúdica, com os povos da floresta inspirando e fortalecendo o caminho a ser trilhado. Boa hora vivida, esta. Na chegada, nossos apetrechos, objetos e identidades. Tudo espalhado no território, agora mais que espalhado: coletivamente dominado. Doravante o território tem Educação Popular em seu mosaico. Tem seu próprio PPS em construção e explicitado: nem acima e nem abaixo.

47

Quem sou eu nesse mosaico? Quem és tu na Ecosol?
Na Educação Popular, quem sois vós?
Quais bagagens trazes tu?
Quais desafios inquietais a vós?



Aparece uma rede de habilidades, numa trama de talentos mil, de povos originários, de negritudes, de artistas, de múltiplas profissionais, como é o rico Brasil. Tem ali agricultores/as; tem ali belos causos e contadores/as; tem também educadores/as; hábeis mãos de catadores/as, não sei quanto/as professores/as. Desde as mãos hábeis artesanais a de defensores/as; de DJ a dançarino; de escultor até chefs de sabores. Mãos que passam pela fotografia, software, comércio ou serviços. Mentes que pautam as redes sociais, ou as prosas entre vizinhas/os. Ideias que circulam por fóruns de Economia Solidária, direitos humanos, alimentação saudável, povos quilombolas, originários, entre outros mais. Tem também administradoras/es, com alguns coordenadores/as, mais de um são estudantes, formadoras/es, articuladoras/es. Nossa riqueza coletiva é tão preciosa que as palavras têm bem pouca expressão. Ela é mais.

De tão preciosas e diversas, chamamos na cena outros programas co-irmãos: no centro da sala, uma grande roda abre a palavra para a expressão. Vem à cena a Fundacentro; Cozinhas Solidárias; Agentes Populares de Cultura; acabou não. Tem os/as Agentes Populares de Saúde; Saúde Mental e Economia Popular e Solidária, tal qual um imenso caldeirão. Nele acolhe-se o afeto, a resistência e a evolução. Nele aparecem as limitações, as imprudências, as desconexões. Inspiram às/aos agentes que agora chegam a reproduzir ou evitar certos passos no mesmo chão.

48



Pela noite, nada fácil, tem uma nova emoção: apreciar as músicas belas de uma feliz composição. É da luta de uma negra que agente se faz canção. É de uma jovem esperançosa, que busca vida sem opressão.



Tem mais na noite, uma criança, dança de corpos e emoção: roda de dança, que envolve a todos/as/es, numa pedagógica celebração. Quando se perde suas amarras, o corpo dança em conexão. Negro jovem e hábil mestre nos conduz à experimentação. Quando a arte supre a palavra, quando o lúdico transpõe a razão.

Pela sexta, vem a dica: que saída, que intenções? Quais as bases e estratégias, quais caminhos e instruções? Surge o Projind (Projeto Individual), a sua linha, o seu mistério e suas visões. Seja em grupos ou seja em duplas, seus esboços em construção. Parecem pouco, o tempo é curto, novos prazos previstos em extensões.

Carrego a mala, levo comigo novos
acertos, novas funções. Levo na vida
esta memória, muitas tão boas,
outras tensões. Sejam as fotos,
certos diálogos, muito afeto e
pretensões.

Certas lacunas, aplicativo, preencher Projind e um tal CADSOL. Levo colete; um oficial crachá; bolsa do tipo e folder lindo; grupos e duplas em ebulição.





Também presente, por dialética, falas machistas, também racistas, por vezes etaristas, mas em entendíveis, inconsistentes, contradições.

Assim se dá um primeiro encontro, de turma firme e de opinião, nem tudo flores, nem tudo pedras, nem tudo acerto, nem tudo em vão: Avaliação!

A gente segue em plena energia, para cumprir uma imersão. Fora daqui há muito choro; há muita festa; há muita luta; e também lição.

Assim se dá nosso Paul Singer, em imperfeita construção.



EQUIPE DA FORMAÇÃO

Coordenação Estadual da PARANÁ

Luis Alves Pequeno
Janiele Kogus

Coordenação Estadual de SANTA CATARINA

Gelson Nezi
Paola Masiero Pereira

Coordenação da Equipe Nacional

Ivone de Santana
Claudio Araujo Nascimento

Senaes

Iracema Ferreira de Moura

Fundacentro

Adir de Souza

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Pedro Aquino

Região Sudeste 1 Minas Gerais

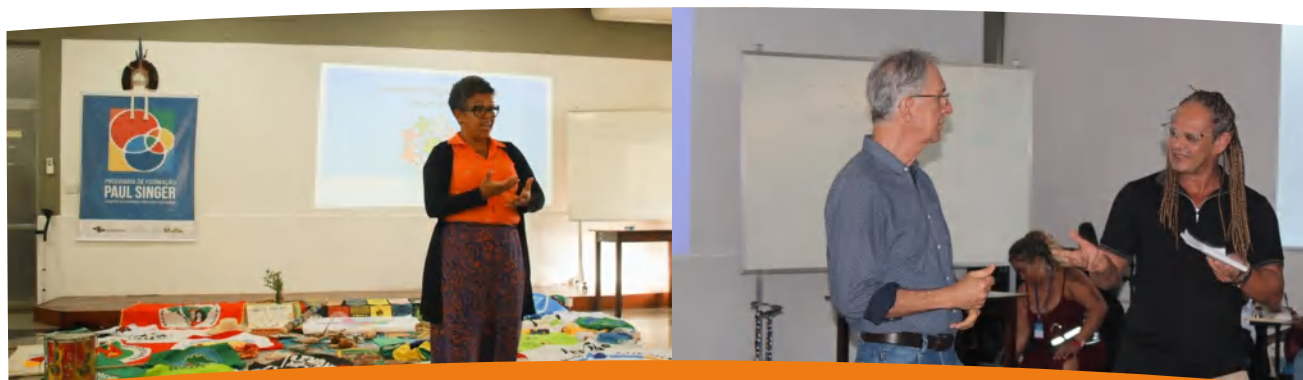
28 e 31 de julho de 2025 - Recanto Marista - Ribeirão das Neves (MG)

Encontro serviu para alinhamento de estratégias e fortalecimento das políticas

Em Minas Gerais, 43 agentes estão estrategicamente distribuídos/as por todos os territórios do estado, garantindo uma cobertura ampla e efetiva das ações de Economia Popular e Solidária.



Desde o lançamento, e durante os três dias de atividades, o grupo se envolveu na discussão da estratégia, dos métodos e de conceitos fundamentais do Programa Paul Singer. Foram elaborados os Planos de Trabalho para os próximos 12 meses e definidas as formas de contribuir para a construção da Política e do Sistema Nacional de Economia Solidária.



“Este encontro representa um momento fundamental para alinhar estratégias e fortalecer novas economias possíveis em contraponto ao que nos é imposto pelo capital, e também um importante fortalecimento para os movimentos que trabalham diariamente pela Economia Popular e Solidária em Minas Gerais.” Poti Porã, AGEPS de Diamantina





51



EQUIPE DA FORMAÇÃO

Coordenação Estadual de
MINAS GERAIS
Lindaura Gomes Fernandes
Anderson Patrício Viana

Coordenação da Equipe Nacional
Elaine Martins

Senaes
Kamila Araújo Bezerra

Fundacentro
Eugênio Paceli Hatem Diniz

Universidade Federal Rural de
Pernambuco
Luciano Andrade

Região Sudeste 2 Espírito Santo e Rio de Janeiro

29 a 31 de julho de 2025 - Hostel Jo & Joe – Rio de Janeiro (RJ)

Reflexões sobre corresponsabilidade e participação ativa pautaram debates

As sementes, plantas, frutos, bandeiras, instrumentos musicais, painéis, livros e uma rede de pesca que decoraram o espaço do encontro de 12 agentes do Espírito Santo e 26 agentes do Rio de Janeiro deram uma dimensão do que foram os três dias de formação de AGEPS, com suas potencialidades, dores, históricos e diversidade. As trocas intensas permearam o encontro em meio à apresentação das bases do Programa Paul Singer, sua metodologia e expectativas frente à chegada de agentes aos territórios.

Da análise de conjuntura coletiva resultou um painel da realidade sociopolítica, com denúncias e anúncios. O grupo trouxe denúncias de ameaças do capital financeiro, imobiliário e político; da ausência do poder público; de fragilidade e fragmentação das políticas. Falou dos desafios da informalidade de EES e das disputas internas; do turismo e do extrativismo predatórios, do agravamento do colapso climático, da

linguagem burocrática pouco acessível e da falta de representatividade, entre outros temas. Na contramão, os anúncios mostraram a potência da EPS, da prática do Bem-Viver e da Educação Popular que sustentam a transformação. Deste diálogo surgiram reflexões sobre como pensar a EPS para além do poder político.

52



O Programa Paul Singer e as vivências de cada pessoa

A primeira parte do Módulo 1 foi dedicada a entender o que é o Programa Paul Singer e seu objetivo de ampliar a capacidade organizativa e produtiva dos EES nos territórios tendo a Educação Popular como eixo central do trabalho. Foram enumerados os princípios de corresponsabilidade, participação ativa e autogestão, visando melhorar as condições de vida das pessoas em vulnerabilidade.

Divididos em grupos, os/as agentes elaboraram roteiros para sua entrada nos territórios, exercitando a metodologia do Programa. A maioria envolveu um cuidado político e pedagógico de preparação da logística, e conversas com articuladores, lideranças e parcerias em cada localidade. Foram levados em consideração os interesses do coletivo, o uso de linguagem

acessível, os tempos de execução das atividades, as dinâmicas e as formas de encaminhamento das reuniões, bem como um monitoramento e avaliação posterior.

Depois, houve uma apresentação do CADSOL e sua função. O CADSOL possibilita, por exemplo, a realização de compras coletivas com melhores preços, amplia a capacidade de negociação e a sustentabilidade dos empreendimentos.

Educação Popular em Economia Solidária

O segundo dia começou com uma conversa sobre o desafio de ultrapassar o modelo pré-estabelecido da educação e trabalho convencional para adaptá-lo às linguagens acessíveis e populares, às práticas colaborativas e às singularidades de cada coletivo de EPS em seus territórios de atuação. Estas questões demandam



O Programa Paul Singer e as vivências de cada pessoa

respostas construídas em parceria com CEPs e EES, como foi exercitado e exposto no dia anterior.

Em seguida, houve uma reflexão sobre Educação Popular em EPS enquanto ferramenta para a desconstrução do modelo e lógicas tradicionais. Neste contexto, conhecimento não é um bem individual: é uma construção social, política e coletiva. A missão de cada agente é catalisar o processo em que os próprios grupos e empreendimentos de EPS, a partir de seus saberes e práticas ancestrais, possam encontrar soluções.

Foi salientado o fato de que a maioria dos EES é formada por mulheres que, além de enfrentarem a precarização do trabalho formal, carregam o peso do trabalho produtivo e reprodutivo. Nesse caso, a EPS é uma estratégia de resistência e emancipação, um espaço no qual o trabalho invisibilizado das mulheres ganha valor e reconhecimento.

Sabemos que o/a agente territorial não é uma figura salvadora que resolve todas as demandas, mas pode ser facilitador/a. Com "paciência pedagógica" (termo emprestado do educador Paulo Freire), tem condições de ajudar a refletir sobre a realidade e a encontrar caminhos para a autonomia.

Identidade Política: ser ponte, não muro

"O que é ser AGEPS?"

A partir dessa pergunta, emergiu um debate plural sobre a identidade dos/as participantes como sujeitos políticos. O/a agente é uma ponte - uma pessoa capaz de conectar saberes, sujeitos e oportunidades.

A formação não cria, ela potencializa uma capacidade de mobilização e articulação existente nos territórios. A tarefa consiste em construir mais pontes e menos muros, fomentando a cooperação em detrimento da segregação.

O debate foi permeado pela necessidade de letramento sobre questões de gênero e sexualidade. O grupo discutiu como a EPS deve ser implementada respeitando a diversidade e a pluralidade de corpos e existências. Chegou à conclusão de que o/a agente territorial pode contribuir neste processo, inclusive na organização de EES liderados por pessoas trans e não binárias, conectando as redes de solidariedade e fortalecendo a sua identidade política.

A Educação Popular é fundamental para o enfrentamento da homotransfobia, porque reconhece o conhecimento construído a partir



das vivências de cada pessoa, e transforma a experiência de combater a exclusão em uma força de mobilização e participação social.

Estas reflexões indicaram a necessidade de se preparar para lidar com a diversidade em sua forma mais complexa, e de relevar questões como racismo, homofobia e transfobia como elementos estruturais capazes de afetar diretamente o trabalho e a vida em um EES.

A escuta ativa, o respeito às diversas vivências e a capacidade de mediar conflitos foram identificados como habilidades indispensáveis para uma atuação ética e eficaz. A identidade de agente, nesse sentido, é também a de educador/a popular que se coloca em pé de igualdade com os grupos, promovendo a horizontalidade, a equidade e a solidariedade.

EPS, Saúde e Segurança no Trabalho

O Módulo 1 trouxe ainda um olhar crítico para um tema por vezes ignorado no contexto da EPS, que é a Saúde e Segurança no Trabalho (SST). Ficou evidente que não basta prevenir acidentes, é preciso cuidar da saúde mental, valorizando o Bem-Viver e a qualidade de vida dos/as trabalhadores/as. O esgotamento por causa do trabalho é sintoma de um modelo de organização que deve ser repensado, não é natural.

Neste painel, foi apresentada a diferença entre "tarefa prescrita"



(o que se espera que seja feito) e "tarefa real" (o que o/a trabalhador/a de fato faz para alcançar o resultado). A lacuna entre o prescrito e o real é uma das principais fontes de sofrimento, estresse e burnout.

Pesquisa-Ação como Ferramenta de Transformação

Durante o encontro, foram apresentados a metodologia das visitas e dos encontros nos territórios e o uso do aplicativo criado para o monitoramento do Programa.

O grupo discutiu como implementar a Pesquisa-Ação para que a teoria se transforme efetivamente em uma prática de transformação social.

Neste momento, o Instrumento de Leitura da Realidade demandou uma atenção especial e o conceito de Território foi debatido. Os/as agentes ouviram atentamente às orientações sobre a elaboração do Projeto Individual que inclui o Plano de Trabalho.

O território, para além do espaço geográfico, é um espaço socialmente produzido, onde vínculos humanos, solidariedade e conflitos cotidianos se manifestam. O trabalho do Programa será pautado nesses vínculos e processos coletivos, priorizando a escuta, a ação e a criatividade comunitária.

Na mística final, cada pessoa contou com que sentimentos chegou ao encontro e quais estava levando de volta a seu Estado. Malas e mochilas que tinham vindo carregadas de perguntas e curiosidade voltaram com uma dose grande de esperar e mais tranquilidade. Veio a hora da Ciranda e da construção da mandala de palavras, que reafirmou o compromisso com a EPS.



56



FOTOS: Acervo Programa Paul Singer

EQUIPE DA FORMAÇÃO

Estado do RIO DE JANEIRO
Celecina Rodrigues dos Santos

Estado do ESPÍRITO SANTO
Anna Carolina Santana da Silva
Valdemir Anchesqui

Coordenação da Equipe Nacional
Raimunda Oliveira
Denise Vieira Pereira
Diogo Antunes (CADSOL)

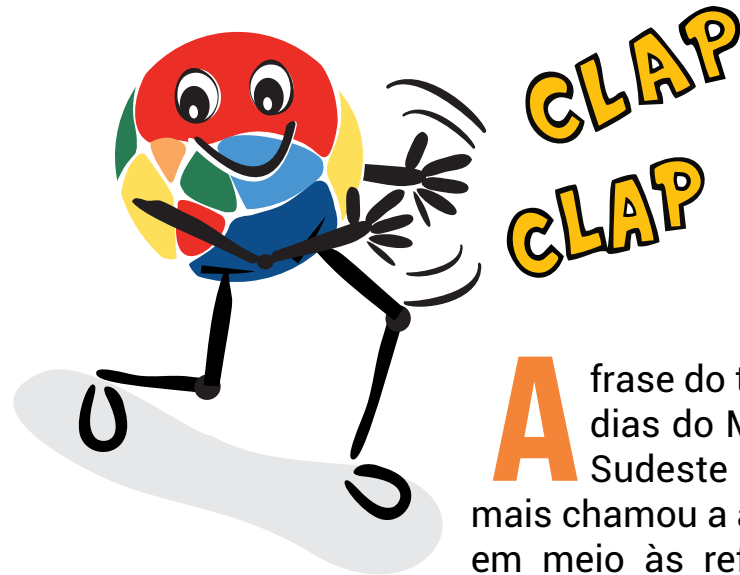
Fundacentro
Juliana Andrade Oliveira

Universidade Federal Rural de Pernambuco
Alzira Medeiros

Região Sudeste 3 São Paulo

29 a 31 de julho de 2025 - Escola Nacional Florestan Fernandes - Guararema (SP)

Um monte de gente que gosta de cuidar de gente



A frase do título foi a mais aplaudida nos três dias do Módulo Presencial dos Estados do Sudeste 3. Neste curso-encontro, o que mais chamou a atenção foi a capacidade que teve, em meio às reflexões sobre EPS, de aproximar

pessoas, cultivar vínculos e colocar em prática o conceito de autogestão. A cada dia, um grupo misto de agentes e coordenadores/as de todos os sexos, gêneros e idades se revezou, contribuindo na cozinha para ajudar com as refeições, e também na limpeza dos oito banheiros coletivos.

O grupo de 60 agentes reunido na Escola Nacional Florestan Fernandes elaborou, ao final do encontro, uma revista com fotos e texto, que reproduzimos a seguir.

EQUIPE DA FORMAÇÃO

Coordenação Estadual de
SÃO PAULO

Luís Carlos Tezoto

Mariana Baptista Giroto

Coordenação da Equipe Nacional
Flávia Santana

Alessandra Lemos Desigant

Senaes

Sérgio Godoy

Fundacentro

Solange Regina Schaffer

Maria de Lourdes Alencar

57



PROGRAMA DE FORMAÇÃO
PAUL SINGER
AGENTES DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA

São Paulo julho de 2025



FORMAÇÃO AGEPS SUDESTE 03



FUNDACENTRO
FUNDAÇÃO DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA
DE SEGURANÇA E RESISTÊNCIA DO TRABALHO

MINISTÉRIO DO
TRABALHO
E EMPREGO

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



Módulo I Encontro Presencial – Turma Sudeste 3

Entre os dias 28 e 31 de julho de 2025, na Escola Nacional Florestan Fernandes, em Guararema (SP), foi realizado o primeiro módulo de formação presencial da turma de Agentes Territoriais de Economia Solidária do estado de São Paulo.

As atividades tiveram início com o lançamento oficial do eprograma de Formação Paul Singer, que contou com a presença de autoridades do governo federal, incluindo representantes do Ministério do Trabalho e Emprego, e Pedro Segurança e Medicina do Trabalho (FUNDACENTRO) Pedro Tourinho, o diretor de Projetos da Secretaria Nacional de Economia Popular e Solidária (SENAES/MTE) Sérgio Godoy, além de membros do poder legislativo como o deputado estadual do Partido dos Trabalhadores (PT-SP) Simão Pedro.



Nos dias seguintes ao lançamento do programa, a turma de agentes da SENAES/FUNDACENTRO participou de um ciclo formativo e integrativo, que abordou temas como orientações técnicas para empreendimentos de economia solidária, saúde do trabalhador, atuação dos fóruns de economia solidária, redes de comercialização e o papel das incubadoras.



Durante a formação, o grupo com os 60 agentes que atuarão nos territórios, junto a coordenação estadual e nacional do programa de formação, construíram um espaço com troca e construção de saberes entre as diferentes realidades assistidas pela economia solidária, e intercâmbio cultural com manifestações artísticas de todo o Estado.



Região Centro-Oeste Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul

23 a 25 de junho de 2025 - Brasília (DF) - Centro Franciscano de Evangelização e Cultura Missão Kolbe

Agentes do esperarãr discutiram expectativas e metodologias

Na Região Centro-Oeste, 48 agentes territoriais discutiram durante o 1º Módulo presencial realizado em Brasília os conceitos básicos que norteiam o Programa Paul Singer e estratégias para a sua chegada aos territórios.



Uma das entregas previstas no Programa é a atualização do novo CADSOL, tema que foi tratado no encontro. A programação dos três dias de formação contou ainda com a memória histórica da EPS e uma análise de conjuntura na perspectiva do cenário político, econômico e social do Centro-Oeste.

A identidade do/a agente, seu papel e atribuições no Programa Paul Singer foram analisados junto com outros aspectos que envolvem a integração entre todos os programas da Senaes. Como objetivo sempre presente estava a construção da Política Nacional de Economia Solidária e do Sistema de Formação de Economia Solidária e como os/as agentes têm um papel importante para sua implementação. Texto baseado em matéria de Juce Rocha - ASCOM Unipcoas

61



“Vamos voltar às nossas origens, às nossas raízes, ao olho no olho, ao tête-à-tête dentro das comunidades, porque existem, com certeza, muitos empreendimentos que ainda não estão mapeados. É muito importante a gente se conhecer e se reconhecer, estarmos juntos/as, lutando pelo que nós acreditamos. E acreditamos em outra economia sim. Realmente, ela é possível, é viável, mas ela se faz principalmente em conjunto, em comunhão”.

Rose da Silva, AGEPS do Distrito Federal

“O Programa vem como um grande esperançar para os empreendimentos de EPS. Em nossos territórios vamos mobilizar os empreendimentos para que possam se cadastrar ou se recadastrar no CADSOL. Aqui no Distrito Federal ficamos um tempo paralisados, agora vamos mapear as nossas ações e fazer um planejamento para os próximos meses de trabalho com os empreendimentos”.

Jesa Lima, AGEPS do Distrito Federal

“Esse é um momento em que a gente está reencontrando muitas pessoas que participaram de processos formativos, que são lideranças, educadores/as populares. Gente que já tem caminhada e também pessoas que estão chegando. Vamos nos empoderar dessa metodologia e das novas possibilidades de conexões com outros/as agentes, outros programas, outros Ministérios. Há uma esperança muito grande de que a gente possa, a partir desses processos de formação, voltar para as nossas bases reoxigenados, mais fortes, a partir da conexão e da união do Centro-Oeste.”

Rodrigo Nantes, AGEPS do Mato Grosso do Sul

“O Programa vai contribuir para o avanço da EPS nos territórios. Isso significa o quê? Fortalecer as nossas iniciativas e as nossas organizações, seja nos assentamentos de Reforma Agrária, nas comunidades tradicionais, entre povos indígenas, povos quilombolas e em áreas urbanas também. Vai ser muito importante para dar unidade à classe trabalhadora e elevar o nível de consciência, para politizar as nossas conquistas.”

Devanir Oliveira, AGEPS do Mato Grosso

EQUIPE DA FORMAÇÃO

Coordenação Estadual do DISTRITO FEDERAL

Aline Sousa da Silva
Daniela Rueda

Coordenação Estadual de GOIÁS

Dennis Lucas Gonçalves
Maria Odília Rogado da Silva

Coordenação Estadual do MATO GROSSO

Adriano Ribeiro
Francileny da Mata de Oliveira

Coordenação Estadual do MATO GROSSO DO SUL

Matusalém Lourenço Mendes
Sebastiana Almire de Jesus

Coordenação da Equipe Nacional

Thays Santos Carvalho
Gilberto Carvalho

Senaes

Antonia Vanderlúcia Simplicio

Fundacentro

Solange Regina Schaffer

Universidade Federal Rural de Pernambuco

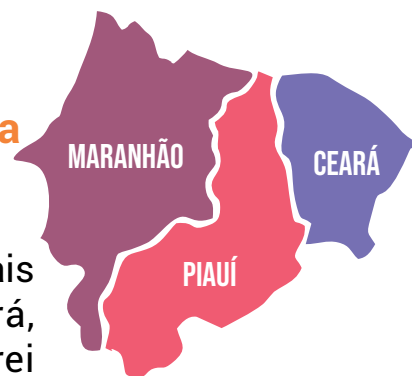
Pedro Aquino



Região Nordeste 1 Ceará, Maranhão e Piauí

1º a 4 de agosto de 2025 - Centro de Formação, Capacitação e Pesquisa Frei Humberto – Fortaleza (CE)

Entre redes e rios: descobrindo instrumentos para tecer a EPS no Nordeste



Foi sob o sol de Fortaleza que 52 agentes territoriais e seis coordenadores/as estaduais do Ceará, Maranhão e Piauí se reuniram no Centro Frei Humberto para o 1º Módulo presencial. Na chegada, já era possível sentir que não seria apenas um curso: era reencontro, celebração e reconstrução da história da EPS e, ao mesmo tempo, a acolhida de novos caminhos e sujeitos.

Vozes e presenças que inspiram

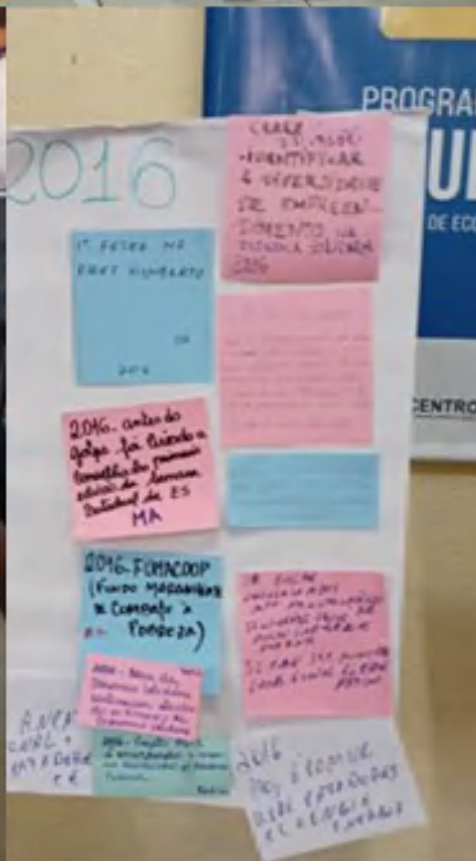
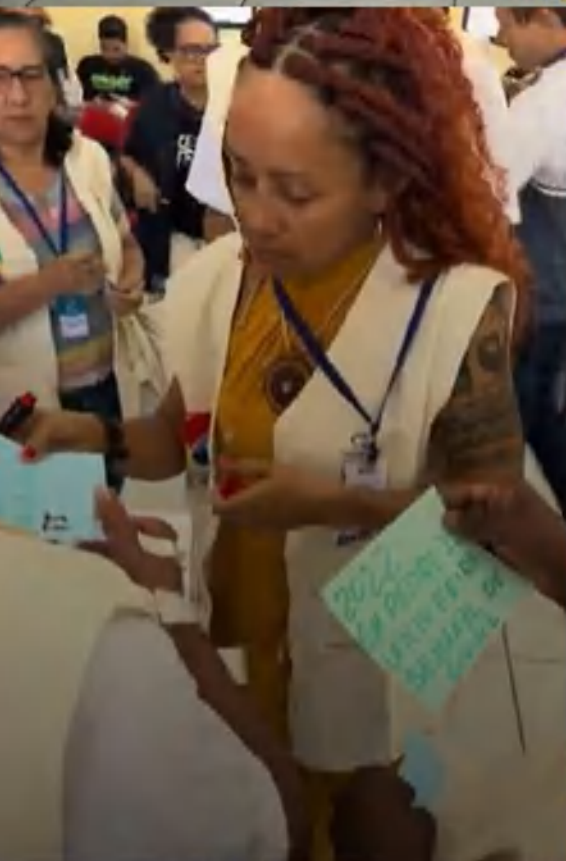
A programação agregou pessoas que são a EPS viva no Brasil. Visitaram o encontro, destacando o que trouxeram de memória e de horizonte político, e relembrou que nossa luta é organização, resistência e invenção coletiva. Foi como olhar para trás e para frente ao mesmo tempo, enxergando que cada passo de hoje se apoia em trilhas abertas ontem para uma EPS mais participativa e autônoma.

frases, cantos e danças se apresentou tudo o que foi deixado de mais belo por nossos ancestrais. Desde a acolhida até o retorno aos territórios, afirmamos nosso desejo de que as místicas sejam parte de todos os momentos de vida, caminhadas e do Programa Paul Singer.



As místicas nos fortaleceram fazendo presente a natureza e nossa simbologia. Nos símbolos, gestos,





Linha do tempo de memórias vivas

Numa longa faixa de papel, colocamos datas, lembranças, conquistas, perdas e sonhos. Mural coletivo, com cores, camadas e vozes, onde cada agente pôde ver a história da EPS se entrelaçando com sua própria história de luta. Um fio costurado em rede passada entre gerações, territórios e práticas.

Educação Popular que reconecta territórios, pessoas e políticas públicas

Nessa síntese coletiva, vimos nascer a necessidade de apontar a Educação Popular como elemento da EPS, essa iniciativa problematizadora que discute a realidade a partir dela, na qual o sujeito, no próprio ato de fazer, ensina e aprende ao mesmo tempo. Articula o fazer e sentir-se parte, provoca libertação e reconhecimento do sujeito em suas próprias ações. A educação aparece, portanto, como prática da liberdade, mas compreende que, enquanto seres humanos, somos designados/as a escrever a nossa história.

A proposta central do 1º Módulo presencial foi aprofundar o trabalho iniciado nos ciclos virtuais, ampliando a compreensão sobre a imersão territorial, o papel de AGEPS e a importância de conectar práticas locais com a política nacional de EPS.

As atividades consistiram na discussão dos planejamentos coletivos e individuais, estudos, debates em plenária e nos grupos por estado e núcleos de base, com socialização das experiências territoriais, e reflexão sobre a atuação a partir do mapeamento realizado previamente. Também tivemos momentos de confraternização, quando pudemos conhecer a Estação das Artes e outras manifestações culturais populares no Centro Histórico de Fortaleza, fortalecendo vínculos e alinhando estratégias para

o trabalho de base nos territórios. A presença de agentes de diferentes Estados e territórios reforçou o sentimento de pertencer a uma rede maior, que ultrapassa fronteiras geográficas e se ancora em valores como solidariedade, autogestão e democracia econômica.

A programação foi intensa e diversificada e buscou-se realizar a organicidade de modo que, ao se inserir nos núcleos de base, cada AGEPS compartilhasse também a tarefa indicada do núcleo, elemento pedagógico crucial para a condução das atividades. Os núcleos se debruçaram sobre os cadernos pedagógicos do Programa, debatendo princípios da EPS, o papel da autogestão, os desafios organizativos dos empreendimentos e estratégias de fortalecimento das redes locais.

Cada agente assumiu responsabilidades sobre os conteúdos, sistematizando pontos-chaves e apresentando coletivamente seus aprendizados.

A discussão sobre o Plano de Ação Territorial foi feita nos grupos por Estado, momento em que os/as agentes relacionaram os instrumentos de Pesquisa-Ação às realidades concretas de seus territórios. Essa atividade evidenciou a necessidade de olhar para os EES não apenas como unidades produtivas, mas como espaços de cultura, organização política e identidade coletiva.



O encontro foi potente, e aumentou a sede de AGEPS de falar — sobre seus territórios, seus sonhos, suas dores e suas vitórias. Ninguém saiu igual! Tivemos aprendizados: será preciso ampliar os espaços de escuta de agentes, aprimorar as práticas participativas e alinhar melhor os tempos de cada etapa.

O encontro em Fortaleza não se encerra em si mesmo, ele abre caminhos para que cada agente leve aos territórios novas ferramentas, olhares e compromissos. O trabalho em grupos possibilitou a concepção de uma referência para a construção dos planos de ação territoriais, quando os AGEPS deverão articular os resultados da leitura da realidade, o acompanhamento de empreendimentos e a integração com outras políticas públicas.

A convivência possibilitou trocas de experiências valiosas, fortalecendo o sentimento de pertencimento a uma luta comum.

As falas finais reforçaram que, mais do que capacitação, a formação é também um espaço de esperança e de projeto de futuro.



67

EQUIPE DA FORMAÇÃO

Coordenação Estadual do CEARÁ

Célia Vital Batista
Tamy Barbosa de Souza

Coordenação Estadual do MARANHÃO

Maria Santana Lago Freire
Sidevaldo Miranda Costa

Coordenação Estadual do PIAUÍ

Levi Saimon Monteiro L. Neves
M^a da Conceição dos S. Silva

Coordenação da Equipe Nacional

Luciana Morgado

Thays Carvalho

Fundacentro

Marcelo Alexandre Vasconcelos

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Alzira Medeiros



Região Nordeste 2 Alagoas, Bahia e Sergipe

22 a 24 de julho de 2025 - Instituto Anísio Teixeira - Salvador (BA)

Rumo ao território, muitas dúvidas e expectativas

Autogestão, Educação Popular e Territorialidade a partir da práxis pedagógica – estes conceitos pautaram o Módulo 1 que reuniu os/as agentes territoriais dos Estados de Alagoas, Bahia e Sergipe. A dinâmica de apresentação colaborou para o aprofundamento dos conceitos a partir da vivência de cada agente, trazendo também outras linguagens.



Foi preciso gestionar o tempo, devido à densidade dos conteúdos e à complexidade das realidades locais. Havia uma curiosidade geral sobre o processo de imersão no território, o que de fato iriam fazer, como se daria a atuação do Programa com outras ações que os/as agentes já realizam.

A apresentação do modelo de Plano de Trabalho Individual foi abrindo os olhos para os caminhos a tomar. Houve uma reflexão coletiva sobre como se entrosar com as bases na etapa seguinte, em seguida do presencial. Durante o encontro, os/as agentes foram se apropriando mais do CADSOL e de sua função de orientar os EES nos territórios.

Diversidade territorial e sociocultural

O que se entende por “território”? As dinâmicas próprias econômicas, sociais, culturais e políticas de cada lugar podem gerar diferentes ritmos de

68



FOTOS: Acervo Programa Paul Singer.

engajamento e de participação comunitária, e isso foi salientado no encontro, bem como a necessidade de construir vínculos de confiança.

Os/as agentes falaram sobre como o processo de aproximação com as comunidades pode encontrar resistências iniciais, seja por experiências anteriores frustrantes, seja por desconfiança com políticas externas. Nesse sentido, foi enfatizada a necessidade de capacitação e alinhamento metodológico de todos/as para aplicar os Instrumentos de Leitura da

Realidade propostos pelo Programa Paul Singer.

Entre as dúvidas comuns estavam a logística e o acesso aos territórios, devido às distâncias e à dificuldade de transporte. Como em outros Estados, a (falta de) conexão à Internet preocupou muita gente.

Representantes da Equipe Nacional responderam a cada questionamento, e foram acalmando as ansiedades a partir do entendimento de que o Programa Paul Singer trabalha a partir dos territórios, e vai sendo adaptado de acordo com as demandas, em um processo contínuo e dialógico.





Sistematização e fluxo de informações

É preciso garantir que os dados coletados em campo sejam registrados, organizados e sistematizados de forma padronizada. O grupo de AGEPS ficou muito curioso para saber como vai funcionar o aplicativo (APP) do Programa.

Houve uma apresentação da plataforma e das funções principais, com a perspectiva de testar melhor o APP e ter mais detalhes numa formação específica a ser realizada após o 1º Módulo presencial.



EQUIPE DA FORMAÇÃO

Coordenação Estadual da BAHIA

Josélia Cerqueira Paixão
Magda de Sousa Almeida

Coordenação Estadual de ALAGOAS

Edimir Francisco da Silva
Maridalva Lima Lopes

Coordenação Estadual do SERGIPE

Anderson Cardoso dos Santos
Marciel Pereira da Silva

Coordenação da Equipe Nacional

Raquel da Silva Alves
Alessandra Lemos Desigant

Senaes

Sérgio Godoy

Fundacentro

Robson Rodrigues da Silva
Luiz Fernando de Senna

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Horasa Andrade

Nordeste 3 Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte

22 e 24 de julho de 2025 - Centro de Formação e Lazer do Sindicato dos Trabalhadores Federais da Saúde, Trabalho e Previdência (SINDISPREV) - Recife (PE)

Confluência de sotaques e experiências direcionadas para a EPS

Um Carrossel Pedagógico abriu em cores, sotaques e vivências o 1º Curso Presencial de AGEPS da Região Nordeste 3. Agentes da Paraíba, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte falaram sobre a situação de cada Estado e sua história, numa confluência de experiências ricas de potência e saberes trazidos nas bagagens. Participaram do Módulo 1 os/as 14 agentes da Paraíba, 23 de Pernambuco e 14 do Rio Grande do Norte que foram selecionados por edital.



Não é fácil ser AGEPS, é preciso conhecer as estratégias e os métodos de trabalho que foram cuidadosamente elaborados pela Coordenação do Programa Paul Singer e estiveram na pauta do encontro, assim como as bases da Educação Popular e a relação com a Economia Popular e Solidária, inspiração para as reflexões dos dias seguintes.

A matriz pedagógica incluiu discussões sobre o papel dos/das agentes nos territórios, incluindo a importante colaboração que podem prestar no preenchimento do CADSOL. O aprofundamento do Instrumento de Pesquisa-Ação para Leitura da Realidade dos Territórios mostrou que a função de cada agente é ir além, com escuta e observação atentas. As intersecções entre Economia Popular e Solidária, Saúde, Segurança do Trabalho e Inovação foram discutidas num painel que sensibilizou para o tema na linha de frente do trabalho junto às comunidades.

71



“O curso presencial pôde nos dar clareza da dimensão do Programa de Formação Paul Singer para a Economia Popular e Solidária e me passar o senso de responsabilidade que isso terá para todo meu território e para a história da EPS no meu estado. Quando a gente escolhe produzir e consumir de maneira coletiva, justa e cooperativa, a gente tá dizendo não à lógica do lucro acima das pessoas. É sobre colocar a vida no centro, fortalecer quem tá do nosso lado e construir uma economia que gere dignidade, não exploração. Pra quem pratica, a Economia Popular e Solidária é liberdade, é autonomia, e é a prova de que dá pra fazer diferente, e o Programa de Formação Paul Singer nos torna pontes para a construção de tudo isso. É gratificante”.

Bruna Suianne da Silva - AGEPS de Pernambuco

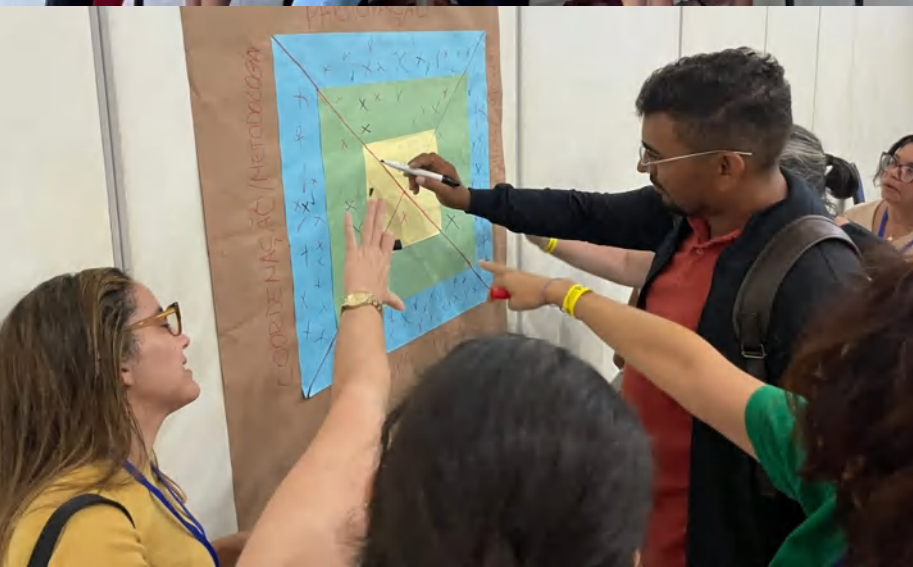




Tivemos grande entrosamento entre os três Estados. Na mística todo mundo se reuniu numa grande roda-ciranda, contemplando a natureza e os encantados que lá se encontravam e que foram sendo evocados através de pontos de culto AfroIndígena da Jurema Santa e Sagrada. Foi um momento de grande emoção de Agentes e da Coordenação Estadual e Nacional que estavam de mãos dadas em conexão com a espiritualidade para que, com as forças unidas, pudéssemos enfrentar com resiliência os obstáculos que estão por vir em cada um dos territórios.

Foi mágico: o momento, o encontro, a aprendizagem, a força de vontade que era transparente na dedicação da Coordenação para apresentar da maneira mais acessível todo o conteúdo que vamos implementar em nossas visitas.

Maria Clara Carneiro de Souza Nascimento - AGEPS da Paraíba



EQUIPE DA FORMAÇÃO

Coordenação Estadual da PARAÍBA

Adarlam Tadeu da Silva
Rosângela Alves Bolte

Coordenação Estadual de PERNAMBUCO

Aldenise Coelho de Souza
Carolina Patrícia Santos

Coordenação Estadual do RIO GRANDE DO NORTE

Marialda Moura da Silva
Matheus Martins Mendes

Coordenação da Equipe Nacional

Eliane Martins
Maria Luiza Aléssio

Senaes

Chico Oliveira

Fundacentro

Solange Regina Schaffer

Universidade Federal Rural de Pernambuco

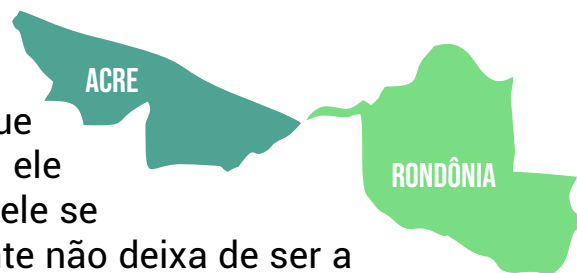
Profª. Horasa Andrade
Prof. Maurício Sardá
Alzira Medeiros

73

Região Norte 3 Acre e Rondônia

22 a 24 de julho de 2025 - Sítio Servas de Maria Reparadoras – Rio Branco (AC)

Confluência de saberes e Histórias



“Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio. Ao contrário: ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente.” Nêgo Bispo

Acolhida e Partilha

Na confluência de saberes e histórias de vida, os/as agentes foram acolhidos/as no 1º Módulo presencial de formação no Estado onde nasceram os ambientalistas Chico Mendes e Marina Silva, com o calor do clima dessa época, com o aconchego do lugar próximo da floresta e do silêncio, e com as lembranças compartilhadas pela Equipe de Coordenação: um lindo caderno de anotações, chaveiro personalizado, produtos da EPS e materiais do Programa Paul Singer.

Na partilha das palavras que simbolizassem as expectativas e perspectivas do grupo de agentes no curso, foram ditas:

**COMPROMETIMENTO - COLETIVO - LUTA - CORAGEM - TRABALHO DE BASE - REDE
CONHECIMENTO ANCESTRAL - IDENTIDADE - RESISTÊNCIA - AUTONOMIA - CUIDADO
ESPERANÇAR - PARTICIPAÇÃO - FORMAÇÃO - ORGANIZAÇÃO - ESTRATÉGIA - SABER VIVER**



Os momentos de convivência, partilha e troca foram essenciais para a construção da formação. O grupo constituiu-se num coletivo coeso e orgânico. O mergulho na realidade concreta do chão amazônico ganhou novas camadas a partir dos aprendizados coletivos para realizar um trabalho cuidadoso, acolhedor e emancipatório. Que venha o segundo módulo. Até lá estamos imersos/as em nossos territórios amazônicos de pertencimento, de existência e resistência!

Saberes compartilhados

Cada agente trouxe na bagagem, além de produtos da EPS para presentear, experiências de vida e militâncias em seus territórios. A formação tornou-se leve e fluida justamente por isso: cada temática formativa apresentada – análise de conjuntura, Programa Paul Singer,

Saúde e Segurança da classe trabalhadora, Pesquisa-Ação – foi acompanhada de diálogos e relatos da vivência concreta dos/as agentes, entrelaçando saberes populares com práticas cotidianas.

Amazônia como chão comum

O percurso formativo do curso trouxe elementos do contexto amazônico para que a pisada no chão do povo e da EPS seja cuidadosa, acolhedora e segura:

- Cuidados com as populações que vivem nas cidades, nas águas, nas florestas, nos campos, valorizando a riqueza cultural e a biodiversidade;
- Cuidados com os povos indígenas que vivenciam o contexto das cidades e que constroem uma

75

“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim, terás o que colher.” Cora Coralina





76

EPS que tem a ancestralidade como base de sua concepção e do seu bem viver;

- Cuidados e atenção com as comunidades tradicionais e suas especificidades, o que também exige uma atenção especial para compreendê-las e valorizá-las, identificando e potencializando as suas iniciativas de EPS.

Percepção dos/as Agentes

“Exercer a função de AGEPS é uma oportunidade fundamental para a apropriação das ferramentas e dos conteúdos oferecidos pelo Programa, visando qualificar o trabalho de identificação, mapeamento e levantamento dos processos e empreendimentos de EPS. Essa formação se insere em uma perspectiva emancipadora, que coloca as pessoas no centro das atenções e promove a construção de processos produtivos em sintonia e harmonia com o meio ambiente.”

Claudinei dos Santos, AGEPS de Rondônia

“A formação me possibilitou uma intensa troca de saberes e experiências com a equipe nacional, com colegas de Rondônia e com todos/as participantes envolvidos/as, caracterizando-se como um momento rico de aprendizado coletivo e fortalecimento da EPS.”

Aisha da Silva Martins, AGEPS do Acre

EQUIPE DA FORMAÇÃO

Coordenação Estadual do ACRE

Camila Marcelino de Souza
Maria José Barbosa Lopes

Coordenação Estadual de RONDÔNIA

Emanuel Pontes Meirelles
Silvana M^a dos Santos Tomaz

Coordenação da Equipe Nacional

Denise Eloy

Senaes

Kamila Arauno Bezerra

Fundacentro

Juliana Andrade Oliveira

Região Norte 2 Amapá, Pará e Tocantins

30 de julho a 1º de agosto de 2025

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) – Belém (PA)

Teia de compromissos tecida ao som do carimbó e de muita reflexão



A primeira etapa da formação presencial teve uma programação intensa que articulou momentos de mística, rodas de conversa, trabalhos em grupo e vivências práticas.

O Módulo 1 apresentou estratégias, o método e os principais conceitos do Programa Paul Singer, além de orientar sobre os Planos de Trabalho de AGEPS para os meses seguintes.

A acolhida foi marcada por uma roda de carimbó organizada pela Rede de Economia Solidária e Feminista (RESF), que proporcionou um ambiente de integração e identidade cultural. Em seguida, cada agente se apresentou compartilhando nome, território e movimento de atuação, evidenciando a diversidade de experiências presentes. No total, participaram 36 agentes, sendo 22 do Pará, seis do Amapá e oito do Tocantins.

77



Durante a tarde, o grupo se debruçou sobre a realidade dos territórios, construindo painéis que revelaram as forças vivas, as políticas existentes, os produtos e os desafios enfrentados. Esse exercício favoreceu uma leitura compartilhada das condições locais, conectando-as à conjuntura nacional.

Reflexões sobre o papel do/a agente territorial

Ainda no primeiro dia, uma das atividades mais marcantes foi a roda de discussão sobre o que significa ser agente de EPS. Divididos em grupos mistos, refletiram sobre suas atribuições e o sentido de sua atuação nos territórios. A dinâmica resultou em painéis coletivos que sintetizaram as percepções sobre a identidade do/a agente, evidenciando a perspectiva da Educação Popular como prática transformadora.

Também foi feita uma apresentação dos programas e projetos da Senaes, com aprofundamento em grupos sobre o CADSOL, resultando em apresentações sobre a articulação do CADSOL com o Programa e sua importância política.

O segundo dia trouxe como novidade o debate conduzido pela Fundacentro sobre Saúde e Segurança no Trabalho e sua relação com a EPS. Na parte da tarde, o secretário da Senaes, Gilberto Carvalho, enviou uma saudação calorosa. Suas palavras reconheceram o esforço coletivo e renovaram a motivação e o entusiasmo do grupo.

Os/as agentes aprofundaram então seus conhecimentos sobre o Instrumento de Pesquisa-Ação, método central para a Sistematização das práticas do Programa Paul Singer nos territórios.

“Esse Programa vai dar muito certo. Já está dando certo! E a gente vai poder fortalecer, e muito, a Economia Popular e Solidária em nosso Estado e país.” Rita de Cássia, AGEPS de Ourém (PA)





“A formação permitiu ainda uma aproximação entre agentes para compartilharem materiais pedagógicos e construírem vínculo social para socializar suas experiências. O curso de formação em alternância representa uma metodologia de formação inovadora, visto que inclui no avanço das atividades uma contínua reflexão em torno dos desafios e da socialização de experiências que os Ageps tiveram no período entre as etapas de formação.” Deyvson Pereira, AGEPS de Abaetetuba (PA)

79

Divididos em grupos por Estado, vivenciaram a aplicação do Instrumento e discutiram as estratégias de abordagem junto a coletivos e empreendimentos locais. Também tiveram contato com o aplicativo do Programa Paul Singer.

Essas experiências prepararam o terreno para o planejamento das imersões territoriais, momento em que foram construídos painéis apontando estratégias, potencialidades, desafios e parcerias de cada local.

Planejamento e Teia dos Compromissos

O último dia foi voltado para a consolidação das aprendizagens e o planejamento dos Projetos

Individuais para a organização dos Planos de Trabalho. No encerramento, na “Teia dos Compromissos”, cada agente assumiu responsabilidades individuais e coletivas. A atividade reforçou a ideia de que a transformação social exige corresponsabilidade e apoio mútuo, fortalecendo a rede construída durante a formação.

Entre os encaminhamentos propostos, destacaram-se a necessidade de fortalecer as redes locais e regionais de comercialização; de ampliar a incidência política junto aos governos municipal, estadual e federal; de manter processos formativos permanentes, e de dar

visibilidade às práticas solidárias, valorizando a identidade cultural e produtiva da Amazônia.

Importância do encontro para a Região Norte

O 1º Encontro Presencial de Formação do Programa Paul Singer no Pará representou um marco político e pedagógico para os estados da Região Norte. Ao reunir agentes do Pará, Amapá e Tocantins, criou-se um espaço de diálogo intercultural, troca de experiências e fortalecimento de identidades coletivas. Mais do que um curso de formação, foi consolidada uma rede de agentes comprometidos/as com a construção da EPS a partir da realidade dos territórios. A metodologia participativa, a valorização dos saberes locais e a articulação com políticas públicas nacionais reforçaram o caráter transformador do Programa.

Assim, o legado deixado por esse 1º Módulo é a convicção de que a formação contínua é elemento indispensável para que desenvolver ações consistentes, apoiar coletivos produtivos e incidir na formulação de políticas públicas. Trata-se de um passo fundamental para a consolidação de um Sistema Nacional de Economia Solidária que respeite a diversidade, promova a inclusão e fortaleça a autonomia dos povos da Amazônia e do cerrado tocaninense.

“Desde o início da formação, percebi que não se tratava apenas de adquirir conhecimentos técnicos sobre EPS, mas de me engajar em um processo de escuta, aprendizado e troca com os territórios e seus sujeitos. Foi um caminho desafiador, mas também muito enriquecedor. Pude vivenciar de perto as lutas, as potências e as estratégias de resistência de grupos e coletivos que constroem diariamente alternativas econômicas baseadas na cooperação, na autogestão, na solidariedade e na justiça social.” Ezequiel de Souza, AGEPS do Pará

EQUIPE DA FORMAÇÃO

Coordenação Estadual do AMAPÁ

Elisangela dos Santos Aragão
Maria Sonale de Queiroz

Coordenação Estadual do PARÁ

Maria Gercina Alves de Araújo
Otavio Luiz de Castro Romano Jr

Coordenação Estadual de TOCANTINS

Raquel Pinheiro da Silva

Coordenação da Equipe Nacional

Marcela Machado Vieira

Denise Eloy

Senaes

Antonia Vanderlúcia de Oliveira

Fundacentro

Laura Soares Martins Nogueira

Região Norte 1 Amazonas e Roraima

23 e 24 de junho de 2025 - Clube dos Metalúrgicos do Amazonas, em Manaus (AM)

Educação, Juventude e Solidariedade estão na lista das prioridades

Em meio aos desafios sociais, econômicos e políticos da Região Amazônica, 30 agentes territoriais discutiram o papel transformador da EPS e como construir coletivamente caminhos para o fortalecimento dos territórios. Dialogaram sobre a conjuntura estadual e nacional, e como inserir nela o Programa Paul Singer. Mergulharam no programa, desde sua concepção, estratégia e métodos, e refletiram sobre o significado e a prática de ser um/a AGEPS, com todas as suas atribuições.

Os/as agentes destacaram os principais desafios enfrentados em seus territórios

Educação e juventude

A implementação do Novo Ensino Médio e das disciplinas de "Projeto de Vida" e "Empreendedorismo" foram apontadas como descoladas da realidade amazônica. A falta de infraestrutura, apoio técnico e contexto socioeconômico adequados compromete a eficácia dessas propostas;

- Dificuldades em aplicar a nova base curricular nas escolas, especialmente no interior, devido à necessidade de capacitação de professores/as, à falta de entidades de apoio e à fragilidade do ambiente escolar, marcado pela violência;
- Falta de reconhecimento de que o empreendimento, na perspectiva da EPS, é mais um comportamento e atitude coletiva do que uma profissão formal.

81



Conectividade e Logística

- A precariedade da infraestrutura, o isolamento geográfico e a baixa conectividade digital dificultam a execução de políticas públicas, incluindo as ações da EPS.

Violência e vulnerabilidade social

- Insegurança alimentar, violência institucional, insegurança nos rios (pirataria) e atuação de facções que impactam diretamente a juventude e os/as agentes nos territórios.

EPS e escolarização

- Dúvidas conceituais entre "empreender" e "ter profissão". Destacou-se a necessidade de construir o conceito de "empreendedorismo solidário" com base em comportamentos que devem ser estimulados na família, na escola e na comunidade;

- Propostas de introdução da Economia Popular e Solidária nos currículos escolares e em parcerias com instituições, Secretaria de Educação, Estados e universidade.



Sistematização e Eixos da Ação Territorial

No segundo dia, o tema Sistematização foi apresentado em duas dimensões nas quais o/a agente é sujeito-pesquisador/a responsável por observar, registrar e refletir criticamente sobre as realidades vividas nos territórios:

● Em Processo

Acompanhamento e registro das ações enquanto acontecem, alimentando aplicativos e relatórios.

● De Experiências

Memória, análise e pesquisa estruturada sobre casos concretos de impacto.

Também foram apresentados os 22 eixos da ação territorial que organizam o chamado "lugar coletivo". Entre eles estão: migração, juventude, agroecologia, bancos comunitários, soberania alimentar, povos indígenas, turismo de base comunitária, economia digital e enfrentamento às violências. Esses eixos se tornaram guias para pensar como o Programa Paul Singer se insere na vida cotidiana de agentes e de suas comunidades.

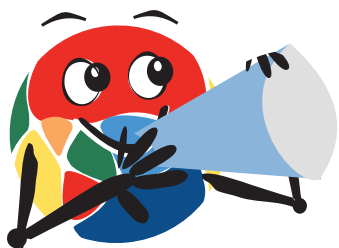


Encaminhamentos e Coordenação

Ao final dos dois dias, foram destacados os seguintes encaminhamentos:

- Integração entre imersão de conteúdo, ações da SENAES e programas de fortalecimento da EPS;
- Fortalecimento da sistematização das experiências locais;
- Valorização do pertencimento de agentes como parte ativa de um movimento coletivo;
- Fortalecimento da Economia Popular e Solidária nos territórios com as parcerias institucionais;
- Inclusão da EPS nos currículos escolares, para que a juventude amazônica se reconheça como protagonista de transformação.

O 1º Curso Presencial de AGEPS em Manaus reafirmou que a EPS é mais do que uma alternativa econômica, trata-se de uma filosofia de vida pautada na:



CONSTRUÇÃO COLETIVA DE SOLUÇÕES

83

Ficou evidente que há um longo caminho a ser percorrido e que os desafios são grandes, mas podem ser enfrentados com educação contextualizada, fortalecimento das comunidades e ação política de agentes de base.

A troca de saberes, a valorização das experiências locais e a articulação em rede são essenciais para que o movimento avance.

Assim, os/as agentes do Amazonas e de Roraima saíram fortalecidos/as em sua missão de ler e transformar seus territórios, conectando educação, juventude e solidariedade como pilares de um futuro mais justo e sustentável para a Amazônia.

EQUIPE DA FORMAÇÃO

Coordenação Estadual do AMAZONAS

Terezinha S. Barbosa Rosenhaim
Maria Cristina Ribeiro de Oliveira

Coordenação Estadual de RORAIMA

Darlene Moraes dos Santos
Elielma Coelho Derzi

Coordenação da Equipe Nacional

Marcela Machado
Raimunda Oliveira

Fundacentro

Rafael Monico

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Luciano Andrade



FOTOS: Acervo Programa Paul Singer



Pergunta Geradora



Pergunta Síntese

Primeiro esboço da Pergunta Geradora

Como nasce uma mascote?

Como tudo o que acontece no Programa Paul Singer, a mascote, apelidada de **Pergunta Geradora**, nasceu da construção coletiva de uma ideia para ilustrar o Livro Síntese com perguntas e respostas sobre o documento-base.

Dali, nossa **Pergunta Geradora** foi criando corpo a partir das cores e do desenho do logotipo do Programa Paul Singer. Ganhou pernas, braços, sorriso e personalidade por meio do diálogo, da troca de delicadezas e de experiências das jornalistas Clarinha Glock, Denise Vieira Pereira e Dora Bragança, integrantes da Frente de Educomunicação.

E aí saiu para o mundo real e virou uma boneca de pano pintada à mão. A primeiríssima mascote foi costurada e pintada pela artesã gaúcha Sonia Maria Rodrigues (foto 3, pg 02pg 02 - veja na página seguinte), que trabalha no Brique da Redenção, em Porto Alegre (RS).

A Pergunta boneca já circulou pelo Brasil nos encontros presenciais de formação, ganhou irmãs gêmeas criadas por outros/as artesãos/ãs, e passou a fazer comunicados virtuais em cartões, cartazes, nas redes sociais.

Essa boneca simpática que traz no nome a inspiração dos ensinamentos do educador Paulo Freire foi criada para gerar reflexões, circular por dinâmicas de grupo e encontros. Para cutucar, brincar, e estimular ideias para transformar o mundo.

Pergunta Geradora

Quer reproduzir a Pergunta Geradora num card, criar ou pedir a um artesão/ã que costure uma boneca de pano nos moldes da nossa?

Tudo bem, desde que no verso da boneca ela traga o LOGOTIPO do Programa Paul Singer. E, de preferência, circule sempre acompanhada de um/a agente, coordenador/ a ou integrante da Equipe do Programa que possa explicar o que é o Programa e para que veio.

Olá! Eu sou a Pergunta do Programa Paul Singer.

Posso ter muitos sobrenomes:
Pergunta Chave,
Pergunta Geradora,
Pergunta Síntese,
Pergunta Mobilizadora.

Sou aquela que não quer calar, ou melhor, que quer exercitar ao longo do Programa o diálogo e a escuta das vozes locais, com seus sotaques, suas sabedorias, suas curiosidades.

Não sou fácil, não.
E espero que vocês me acolham, me ofereçam ouvidos, olhos, mãos, pés.



PROGRAMA DE FORMAÇÃO
PAUL SINGER
AGENTES DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA

A Pergunta Geradora veio para se somar às ferramentas de Educomunicação Popular e Solidária a partir dos Territórios.

Não é meramente uma bonequinha alegre. Ela tem um objetivo, que é ajudar a educar+comunicar para contribuir nos processos de emancipação das pessoas.



**CONFIRA O SIGNIFICADO DE
CADA SIGLA UTILIZADA
NESTA REVISTA**

AGEPS - Agentes Territoriais de Economia Popular e Solidária

AgPopSUS - Agentes Educadores e Educadoras Populares de Saúde

CADSOL - Cadastro Nacional de Empreendimentos Econômicos Solidários

CEP - Coletivos de Economia Popular (Colep ou Coletivos EP)

Ecosol - Economia Solidária

EES - Empreendimentos de Economia Solidária

EPS - Economia Popular e Solidária

Fundacentro - Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho

Senaes - Secretaria Nacional de Economia Popular e Solidária

SST - Saúde e Segurança no Trabalho



PROGRAMA DE FORMAÇÃO
PAUL SINGER
AGENTES DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA

